




—multi
versidade

Seleção **Affero • Lab**

A ARTE DA APRENDIZAGEM AUTODIRIGIDA

23 dicas para você
dar a si mesmo uma educação não convencional

BLAKE BOLES

Prefácio da edição brasileira por **Alex Bretas**

A ARTE DA APRENDIZAGEM AUTODIRIGIDA

23 dicas para você dar a si mesmo uma
educação não convencional

Blake Boles

Prefácio da edição brasileira por Alex Bretas

Do original: The Art of Self-Directed Learning
Tradução autorizada do idioma inglês da edição
publicada por Tells Peak Press
Copyright © 2014 Blake Boles

Ilustrações por Shona Warwick-Smith
(shonawarwicksmith.com)

Projeto gráfico: Ashley Halsey
Diagramação: Fernando Americano
Tradução: Alex Bretas
Revisão: Alexandre Carvalho

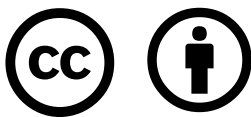
Primeira Edição
ISBN: 978-85-922783-0-4

[2017]

Publicado no Brasil por Afferro Lab e Multiversidade

Afferro Lab - Av. Dr. Fernandes Coelho, 64
Pinheiros - São Paulo / SP
<http://www.afferrolab.com.br>

Multiversidade – Rua Barão de Itapetininga, 255, Sala 603
República - São Paulo / SP
<http://www.multiversidade.org>



Creative Commons

Licença Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual
4.0 Internacional

Você tem a liberdade de:

Compartilhar: copiar, distribuir e transmitir a obra.

Remixar: criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

Atribuição: você deve creditar a obra da forma especificada pelo autor ou licenciante (mas não de maneira que sugira que este concede qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

Uso não comercial: você não pode usar esta obra para fins comerciais.

Compartilhamento pela mesma licença: se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Renúncia: qualquer das condições acima pode ser renunciada se você obtiver permissão do titular dos direitos autorais.

Dedicado a Jim, Grace, Dev, à minha mãe e ao meu pai.

Prefácio da edição brasileira

Em janeiro de 2016, surgiu um incômodo na minha vida. Algo como um espinho que entra no sapato e não deixa a gente em paz até a hora que paramos e conseguimos tirá-lo de lá. Estranhamente, o espinho que entrou sem bater na porta tinha a ver com uma das coisas de que mais gosto: cantar. É por isso, afinal, que eu me importava. Em janeiro de 2016, apareceu um concurso de karaokê. Sim, karaokê – aquela invenção japonesa maldita que tem o poder de arrasar festas de aniversário, mas que conta com alguns adeptos inveterados. Eu sou um deles.

Acontece que, ainda que eu adore karaokê, odeio concursos. Não sou uma pessoa competitiva, nunca fui, e nos últimos anos venho refletindo que competições – um eixo estruturante da sociedade moderna – fazem muitas vezes mais mal do que bem. Para que uma ou poucas pessoas ganhem, muitas ou quase todas têm que perder. As imagens da régua, da pirâmide, da “escalada do sucesso”, como tantas outras metáforas, bebem desse mesmo pote. Não gosto disso. Quando começamos a pensar que existem outros jeitos de encarar o sucesso, em especial aqueles em que todos precisam vencer juntos ou que até mesmo descartam o imperativo de ter que ser vitorioso em alguma coisa, desconfiamos da competição. Eu desconfiei bastante.

Como proceder, então, se adoro karaokê, mas odeio competir? Fiquei refletindo sobre isso por algumas semanas. Conversei com uma amiga que é coach, e ela – diferentemente do que se esperaria – tentou me influenciar a participar do concurso. Ou talvez eu é que já estava com meus olhos viesados e pensei isso, vai saber. “Quando a gente empaca, a vida empurra”, ela costuma dizer. Dias depois, fui até o bar que estava promovendo o concurso como quem não quer nada (eu realmente achava que não queria nada). Era o último dia de inscrições para a competição e fui cantar uma música, como sempre faço. Ao descer do palco, o dono do estabelecimento me aborda dizendo: “Por que você não participa do concurso? Você tem a voz boa, deveria participar. Se quiser, você tem 15 minutos para se inscrever porque já vamos fechar”. Foi como se alguém me injetasse uma dose cavalgar de adrenalina. Voltei para a mesa, mas na verdade minha mente estava rodopiante.

Finalmente, o empurrão da vida fez com que eu decidisse me inscrever. Não poderia ser tão ruim, pensei. Foi então que elaborei uma espécie de mantra – a yoga chama isso de resolução interna – para acomodar melhor a decisão em mim. Defini três coisas que me ajudariam não só a passar por essa experiência desafiadora, como também tirar o melhor dela:

- Me divertir;

- Conhecer pessoas novas;
- Estar vulnerável (isto é, ser eu mesmo).

A partir dessas três resoluções, consegui firmar minha crença de que participar do concurso seria uma ótima experiência. No mínimo, eu teria uma boa história para contar depois. Blake Boles narra um artifício parecido neste livro que você está prestes a ler: é o “eu poderia se...”. Mesmo correndo o risco de soar como autoajuda barata, dar um passo atrás ao sermos desafiados por uma situação e pensarmos no que poderíamos fazer para tomá-la em nossas próprias mãos é uma sábia atitude. É isso que aprendizes autodirigidos fazem – embora nem sempre consigamos fazê-lo. Ainda assim, pela minha experiência, quanto mais vezes nos propomos a praticar o “eu poderia se...”, mais ele se funde ao nosso jeito de encarar a vida. É tudo uma questão de calcular bem o tamanho do desafio que nos propomos e começar pequeno. Aí está outra coisa que aprendizes autodirigidos fazem: eles criam (ou escolhem ou buscam) suas próprias oportunidades de desenvolvimento.

Nos dias de hoje, mais do que nunca precisamos falar sobre aprendizagem autodirigida. Não há tantos materiais sobre o assunto em português: pelo menos não com a abordagem leve, consistente e pragmática do Blake. Foi por essas qualidades que resolvi traduzi-lo. Num mundo em que a nota da prova ainda decide destinos e deixa cicatrizes, precisamos conhecer e propor novos mundos.

Curiosamente, minha busca e a dele passaram por territórios parecidos: primeiro, um profundo descontentamento com as opções convencionais de educação, que emergiu nos contornos da rígida caixa universitária; em seguida, uma jornada de altos e baixos, de redemoinhos e clarezas desenhando nossos próprios percursos de aprendizagem a partir do que estava ao nosso redor. Métodos, livros, pessoas, entrevistas, Google, fóruns e comunidades virtuais, visitas, viagens, financiamentos coletivos: percorremos uma série de itinerários comuns.

Além disso, nossas jornadas também têm o mesmo tema: educação autônoma. Ou, de maneira mais precisa: como podemos fazer as pazes com nossa condição de aprendizes curiosos nesse mundo tão vasto de coisas a serem descobertas? É urgente que nos reapropriemos da nossa capacidade infinita de aprender. Se nossa sociedade criou instituições para ocupar esse lugar, que saibamos utilizá-las de forma inteligente. Mas, acima de tudo, que saibamos criar nossos próprios experimentos e experiências de aprendizagem.

Em *A Arte da Aprendizagem Autodirigida*, encontrei uma chuva torrencial de possibilidades para quem deseja, como o Blake mesmo diz, desbravar novas trilhas educacionais fora da rota preestabelecida. Além do “eu poderia se...”, várias outras dicas de educação – úteis também para a vida

– são compartilhadas. A narrativa é cativante e permeada por histórias e projetos feitos de histórias. O ritmo é ligeiro, direto ao ponto, como se estivéssemos lendo posts de um blog.

Se você está, assim como eu e Blake, vivendo um processo de autoeducação em qualquer área (ou querendo iniciar um), então as linhas a seguir lhe fornecerão preciosos insights. Na era do Faça Você Mesmo, o que temos aqui é um guia sobre como criar sua própria aprendizagem.

Quanto à minha participação no concurso de karaokê, correu tudo bem. Com direito a desempate com música *a capella* e a não chegar no tom do Kurt Cobain em Smells Like Teen Spirit, colecionei várias histórias intensas e significativas. Relevei minha desconfiança em relação a competições – ou seja, me pus a enxergar a situação de outro modo – e pude viver uma experiência maravilhosa. No fim das contas, a crença tornou-se realidade: me diverti, conheci pessoas e fui eu mesmo.

Foi então que consegui tirar aquele espinho do meu sapato. E isso, cá entre nós, tem tudo a ver com o tipo de educação que queremos semear.

Alex Bretas é escritor, tradutor
e pesquisador em novas formas de aprendizagem



A Arte da Aprendizagem Autodirigida

No Ensino Médio ou na faculdade, alguma vez você já assistiu a uma aula sobre autoeducação? Uma aula que o ajudasse a aprender como aprender?

É, nem eu.

Ainda assim, seja qual for o momento em que terminarmos nossa escolarização formal – e frequentemente durante esse período –, isso é exatamente o que precisamos fazer: aprender sobre tudo que é importante, por conta própria, sem um esquema prévio.

Pergunte a si mesmo: você gostaria de...

- Construir algo do zero – um site, uma empresa, uma casa?
- Seguir um caminho de estudos autodirigidos ou pesquisa individual?
- Trabalhar numa área sem relação com sua formação ou com suas experiências prévias?
- Desenvolver-se de modo profundo e significativo?
- Viajar de forma independente?

Sim? Então você precisará da aprendizagem

autodirigida. Nesses tipos de desafio, ninguém irá segurar sua mão. A única maneira de lidar com essas questões é aprender seu próprio jeito de desvendá-las.

Mas a aprendizagem autodirigida (que eu definirei nos primeiros capítulos) não é apenas uma coleção de ferramentas práticas para se fazer as coisas: é também um modelo mental para ajudá-lo a viver uma vida bem diferente daquela dos seus amigos, família ou sociedade.

Este livro é uma compilação da sabedoria, das histórias e ferramentas que acumulei no trabalho com aprendizes autodirigidos por mais de uma década. Diferente dos meus primeiros dois livros, que escrevi especificamente para adolescentes e jovens adultos enfrentando a questão da faculdade, criei *A Arte da Aprendizagem Autodirigida* para:

- Estudantes de Ensino Médio e universitários apaixonados por aprender, mas que não estão satisfeitos apenas com as atividades escolares e querem ter mais controle sobre sua própria educação;
- Adolescentes *homeschoolers* e pessoas desescolarizadas em geral, que querem se engajar mais na sua autoeducação, tornando-a mais efetiva;
- Jovens adultos que optaram por não fazer uma faculdade e que estão buscando um norte para suas educações em andamento e para suas escolhas de carreira;
- Pais que querem apoiar seus filhos (e futuros filhos) no caminho da aprendizagem autodirigida;

- Parentes e amigos céticos, que poderão ver que a aprendizagem autodirigida não é uma divagação insensata, uma desculpa para quem quer evitar o trabalho nem um caminho irresponsável;
- Adultos de todas as idades que querem moldar suas carreiras de modo a melhor refletir suas crenças pessoais;
- Qualquer pessoa que não quer parar de aprender nunca.

O livro inicia-se com uma explicação sobre quem eu sou e por onde estive, e então apresenta 23 histórias e insights para quem quer praticar a autoeducação de forma mais efetiva. Começo definindo o que é aprendizagem autodirigida e depois discuto assuntos como motivação, aprendizagem online, aprendizagem offline, meta-aprendizagem e a construção de uma carreira como aprendiz autodirigido. O capítulo final discute como fatores de natureza, criação, sorte e modelo mental influenciam a aprendizagem autodirigida. Ilustrações originais da minha amiga Shona Warwick-Smith acompanham os capítulos com o intuito de iluminar melhor as ideias contidas em cada um.

Aqui vai um resumo dos capítulos:

Introdução

O que Aprendi no Acampamento de Verão, Descendo pela Toca do Coelho, Voltando à Superfície e o que Encontrei: a história da minha própria educação, como eu me juntei ao movimento da desescolarização e por que eu me tornei um “líder de torcida” da aprendizagem autodirigida.

Aprendizes e aprendizagem

1. A Menina que Navegou o Mundo: a aprendizagem autodirigida começa com um sonho de ir mais longe, ver além e se tornar algo mais do que os outros lhe dizem que é possível. Mas sonhar sozinho não é suficiente; você precisa lutar para tornar seus sonhos realidade.

2. O que Aprendizes Autodirigidos Fazem: aprendizes autodirigidos tomam para si plena responsabilidade sobre suas educações, carreiras e vidas. Pense de forma consistente aonde você está indo, investigue todas as suas opções e, então, dê um passo corajoso à frente.

3. O que Aprendizes Autodirigidos Não Fazem: não jogue o bebê fora junto com a água do banho. Abra-se para

o mundo e encharque-se de aprendizagem o tanto quanto for possível.

4. Aprendizagem Consentida: rejeite a tirania da aprendizagem forçada, não importa quão desejável seja o resultado final.

Motivação

5. Autonomia, Maestria e Propósito: a combinação secreta de ingredientes da aprendizagem autodirigida não é tão secreta assim – encontre sua autonomia, maestria e propósito e você encontrará seu caminho.

6. Disciplina, Dissecada: autodisciplina não é um atributo universal que você tem ou não tem. Ela é resultado do encaixe das suas ações com o trabalho que é mais importante para você.

7. Prisões e Chaves: atitude é o recurso mais precioso de um aprendiz autodirigido. Para cada prisão, é possível encontrar uma chave.

8. Não Vá com a Primeira Resposta Certa: ao experimentar várias soluções diferentes para os grandes desafios da vida, as respostas certas irão aparecer.

Aprendizagem Online

9. Googlando Tudo: a internet é a ferramenta de aprendizagem mais poderosa já criada. Use-a desde cedo e sempre.

10. Enviando E-mails para Estranhos: pedir ajuda por e-mail é uma ação de baixo custo e baixo risco que tem um potencial de retorno imenso. Para quem você poderia escrever hoje?

11. Nossos Rastros Digitais: seus empregadores futuros vão googlar você, namorado(a)s futuro(a)s também, e até seus futuros filhos poderão pesquisar sobre você no Google, então comece a preencher a internet com suas criações para que seus rastros valham a pena ser seguidos.

Aprendizagem Offline

12. Informação x Conhecimento: seres humanos ainda fazem muitas coisas que os computadores não são capazes de fazer. Não caia na armadilha de pensar que tudo pode ser aprendido online.

13. Sozinho, Junto: quando o desafio do trabalho individual fica sufocante, reúna uma comunidade de pessoas que compartilham o mesmo desafio.

14. Tribos Nerds: para construir uma vida social como um aprendiz autodirigido, encontre amigos entusiastas que o contagem de automotivação.

Meta-aprendizagem

15. Aprendendo a Aprender: busque os professores, *coaches* e mentores na vida que prefiram ensiná-lo a pescar em vez de simplesmente lhe dar o peixe.

16. A Aula de Dança: aprenda a dançar, e dance para aprender. A comunicação é sempre o fator-chave.

17. Sensualidade Indescritível: para ter uma ótima conversa com qualquer pessoa no mundo, tudo que você precisa fazer é PASMO e EPAE.

18. Prática Deliberada: para evoluir suas habilidades e adquirir maestria, encontre as pessoas e lugares que o levarão mais longe do que você jamais conseguiria sozinho.

Ganhos autodirigidos

19. Limpando Cocô para Chegar Lá: abrace as adversidades, faça o trabalho sujo quando necessário e sempre trabalhe para você.

20. Paixão, Habilidade, Mercado: faça o que você ama, mas também se atente para as necessidades dos outros – é assim que a aprendizagem autodirigida pode se converter em ganhos autodirigidos.

21. Riqueza de Tempo: tempo é dinheiro, mas isso não significa que você precisa fazer mais dinheiro para ter mais tempo livre.

22. Dicas de Carreira de um Robô Dinossauro: para criar uma carreira autodirigida, construa mais do que um produto – construa uma personalidade.

23. Como Fazer sua Mente Pegar Fogo: pare de focar nas partes incontroláveis da sua vida – natureza, criação e sorte – e comece a trabalhar duro para desenvolver um modelo mental de crescimento. Essa é a verdadeira arte da aprendizagem autodirigida.

Notas, complementos, segredos e agradecimentos: mais informações sobre as fontes, histórias e ideias contidas neste livro, organizadas por capítulo.

Sobre o autor

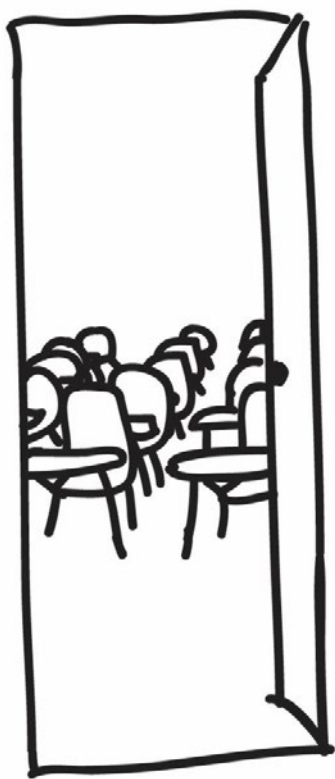
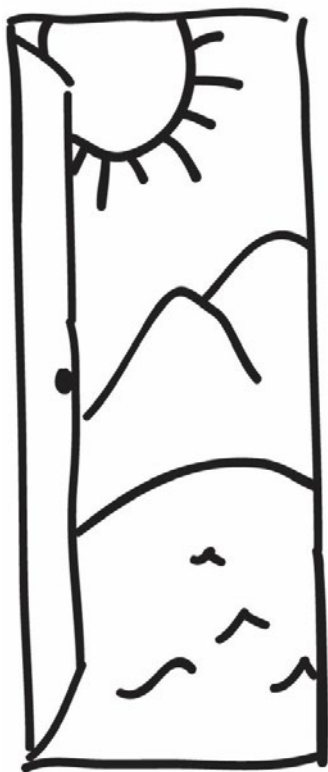
Quer você seja um aprendiz autodirigido experiente, o pai ou a mãe de uma criança altamente independente,

um estudante buscando novas possibilidades ou um recém-chegado ao terreno da autoeducação, este livro lhe dará as ferramentas e a inspiração para aprender mais efetivamente, de modo a abrir caminho para uma educação não convencional num mundo convencional.

Preparado? Então vamos lá.

INTRODUÇÃO

O que Aprendi no Acampamento de Verão



Quando eu tinha 11 anos, fui a um acampamento de verão pela primeira vez. Não escovei meus dentes por duas semanas. Foi fantástico.

No verão seguinte, tive uma namorada no acampamento. Ela tinha 14 anos. Eu disse a ela que tinha 13. Nós andamos de mãos dadas durante uma pegajosa semana. Depois ela descobriu que na verdade eu tinha 12, e eu aprendi que mentir para fazer alguém gostar de você não funciona.

Alguns verões depois, participei da viagem de mochilão mais difícil do acampamento. Ajudei a planejar o trajeto, embalar a comida e liderar o grupo. Nós escalamos até chegar a um rio bastante alto, brincamos em escorregadores aquáticos naturais e comemos pó de suco de laranja direto da mochila. Nossa vida era boa.



Blake (à esquerda), com 15 anos, comendo pó de suco numa viagem de mochilão

Depois da viagem, como eu fazia toda vez que chegava o mês de agosto, voltei à escola – e a vida pareceu perder sua cor.

Eu ia bem na escola. Mas isso não fazia com que a situação melhorasse, porque o acampamento e a escola pareciam dois mundos totalmente diferentes:

- No acampamento, eu tinha controle sobre meu tempo. Na escola, toda a agenda já era predeterminada;
- No acampamento, eu podia ir a fundo nos meus interesses. Na escola, eu só podia ficar na superfície;
- No acampamento, eu era um “freelancer social”. Na escola, ter sua identidade dada por um grupo era fundamental;
- No acampamento, os adultos me tratavam como uma pessoa. Na escola, eles me confundiam com as notas que eu tirava na prova;
- No acampamento, eu fui porque quis. Na escola, eu ia porque era obrigado.

A escola me ensinou como memorizar um fato até sexta-feira e como alterar as margens de um documento no Word para engordar o número de páginas; o acampamento me ensinou como descobrir o que eu quero, tomar iniciativa, vencer meus medos, me apropriar das minhas vitórias e aprender a partir dos meus erros.

Para a minha percepção de adolescente, a proporção de acampamentos por ano em relação às idas para a escola não fazia sentido. Por que eu não podia ir aos

acampamentos na maior parte do ano e depois dar uma passada na escola por alguns meses para aprender gramática, álgebra e todas as outras coisas que o acampamento não ensinava?

Descendo pela Toca do Coelho

Minha frustração silenciosa em relação à escola não encontrou ressonâncias até a metade do meu caminho na faculdade, quando, por sorte, um amigo me emprestou um livro do professor nova-iorquino John Taylor Gatto.

12 Action Themes of John Gatto's Guerrilla Curriculum

(A cost-free method to restore primary experience and intellectual quality to schools)

- (1) Substantial community service**
- (2) Apprenticeships**
- (3) Parent partnerships (on school time)**
- (4) Team Projects (gardens, cross-age tutoring, talent shows, food co-ops, etc.)**
- (5) Independent study**
- (6) Work/Study (including starting a business)**
- (7) Mentorships**
- (8) Solitudes (fishing, hiking, contemplation, silence, etc.)**
- (9) Adventures/Discoveries (mapping, exploration, meandering, challenge, etc.)**
- (10) Field Curriculum (furnishing an apartment, shadowing an employee at the jobsite, analyzing the characteristics of good and bad swimming pools, etc.)**
- (11) Improvisational Play in Groups without Guidance**
- (12) Flex-time; flex-space; flex-sequencing; flex text selection**

Sparkle and Shine in the Face of Darkness

Trecho de um folheto entregue por John Taylor Gatto

Tradução: Princípios Práticos do Currículo de Guerrilha de John Taylor Gatto (um método de custo zero para restaurar a experiência e a qualidade intelectual das escolas)

(1) Muitas atividades comunitárias

(2) Estágios

(3) Atividades em colaboração com os pais (no tempo escolar)

(4) Projetos em equipe (jardins, tutorias entre alunos de diferentes idades, shows de talentos, cozinhar junto, etc.)

(5) Estudos independentes

(6) Trabalhar/estudar (inclusive abrir uma empresa)

(7) Mentorias

(8) Tempo sozinho (pescando, caminhando, momentos de contemplação, silêncio, etc.)

(9) Aventuras/descobertas (criação de mapas, explorações, vagueios, desafios, etc.)

(10) Currículo de campo (mobilier um apartamento, acompanhar o dia de trabalho de um profissional, analisar as características boas e ruins de uma piscina, etc.)

(11) Brincadeiras espontâneas em grupo sem intervenção

(12) Tempo flexível; espaço flexível; processo flexível; seleção de textos flexível

Lampejos e Brilhos Frente à Escuridão

Gatto lecionou por 30 anos em algumas das melhores e piores escolas públicas de Manhattan. Ele ganhou diversos prêmios por seu “currículo de guerrilha” baseado em atividades comunitárias e mão na massa. Depois ele parou de lecionar porque não queria mais “machucar crianças para ganhar a vida”, e então começou a escrever – e palestrar ao redor do mundo – a respeito de alternativas às escolas tradicionais.

Subitamente uma chave virou para mim. O currículo de guerrilha de Gatto e suas críticas devastadoras uniram-se à minha frustração em relação à escola. Tudo isso junto causou um golpe na minha cabeça e conspirou para levar

minha vida numa direção totalmente nova.

Dentro de um mês eu tinha abandonado o curso que havia escolhido na faculdade para projetar um novo que me permitisse estudar as teorias da educação *full-time*. Desisti do meu sonho de me tornar um pesquisador científico para passar minhas horas frequentando pequenas escolas experimentais, lendo todos os livros sobre alternativas à educação tradicional que eu conseguia encontrar e organizando uma aula para os calouros chamada “Nunca Fui Ensinado a Aprender”. Minha mente estava em chamas. Na época eu não tinha ideia que, dentro dos próximos cinco anos, minhas experiências me levariam para o meu próprio caminho autodirigido de carreira.



Guiando o grupo da Unschool Adventures por uma viagem pela América do Sul, 2011

Depois de me formar em 2004, voltei à zona selvagem da minha infância para trabalhar em acampamentos de verão e acabei me envolvendo em uma nova proposta, o “Acampamento de Quem Não Volta à Escola”, projetado para adolescentes *unschoolers* (*homeschoolers* que não seguem um currículo tradicional em favor de uma abordagem mais autodirigida).

Os jovens do Acampamento de Quem Não Volta à Escola – alguns deles abandonaram o Ensino Médio e muitos nunca sequer foram à escola – eram maduros, entusiasmados e conheciam bem a si mesmos. Eles se comunicavam

claramente, questionavam ativamente o mundo ao redor e levavam em conta seus sonhos e objetivos de forma cuidadosa. Eu então percebi que eles eram exatamente as pessoas com as quais eu queria trabalhar. Nos anos seguintes, decidi construir minha carreira convivendo com jovens adultos *unschoolers* o tempo todo por meio da minha pequena empresa de educação e viagens, a Unschool Adventures.

Rapidamente eu me vi trabalhando em dois acampamentos de verão e propondo meus próprios programas de liderança, retiros de escrita e viagens internacionais todos os anos, concretizando meu sonho de infância de me lançar em aventuras como as dos acampamentos o ano todo. Achei que havia encontrado a terra prometida, mas alguma coisa continuava me incomodando.

Voltando à Superfície

À medida que eu entrava fundo na desescolarização, percebia que estava cavalgando nos terrenos mais selvagens da educação alternativa. A desescolarização era um movimento aberto e distribuído, e, como qualquer movimento desse tipo, tanto as melhores quanto as piores coisas rapidamente vieram à tona.

Em seus melhores momentos, a filosofia da desescolarização promovia a escuta profunda das crianças,

tratando-as como pessoas merecedoras do mesmo respeito que temos em relação aos adultos, e fornecendo um amplo leque de opções educacionais. Se a escolha da criança incluísse a escola ou a faculdade, assim seria. Nessa visão de mundo, tudo (inclusive modos de aprendizagem mais estruturados) era visto como uma experimentação a partir da qual se podia aprender.

Em seus piores momentos, no entanto, a desescolarização considerava como vilão todo o universo da escola, suas estruturas, os professores, o ensino, as aulas, rotulando qualquer tipo de educação formal como essencialmente coercitiva.

A primeira visão me pareceu verdadeira, ao passo que a segunda não. Minhas próprias experiências de acampamento de verão e na faculdade envolviam bastante ensino, aulas e estruturas das quais eu e outras pessoas, sinceramente, nos beneficiamos.

Infelizmente, a segunda visão da desescolarização tinha a semântica a seu favor. Afinal, o que era a desescolarização senão algo contra a escola? Isso se provou uma armadilha difícil de escapar, e nas minhas falas sobre desescolarização eu também me peguei indo contra a escola.

Foi aí que decidi que eu precisava encontrar uma visão positiva a respeito do que eu acreditava. Comecei, então,

a buscar nos Estados Unidos e no mundo, de forma mais ampla, as raízes do que eu admirava na desescolarização, nos acampamentos de verão, nas viagens internacionais, no empreendedorismo e em certas escolas e faculdades.

O que Encontrei

Em 2009, eu já tinha me enfiado em lugares radicalmente diferentes entre si, desde os salões de tango em Buenos Aires até a Escola de Design de Stanford. Na minha jornada, entrevistei pessoas que decidiram sair do ensino formal e pessoas que estudavam nas melhores universidades, banqueiros e artistas, punks e programadores, hippies fora da curva e empreendedores educacionais obcecados por tecnologia. Conheci inúmeros pais incrivelmente inteligentes e cuidadosos de diferentes espectros filosóficos e políticos. E refleti profundamente sobre minha própria educação, tanto formal quanto informal.

À medida que conduzia minha pesquisa, um padrão emergiu. Parecia que praticamente todo mundo queria ajudar os mais jovens a fazer as mesmas coisas:

- Resolverem seus próprios problemas;
- Tornarem-se professores de si mesmos;
- Trabalhareem em desafios interessantes;
- Colaborarem e se conectarem com outras pessoas;

- Serem líderes em suas próprias vidas.

Professores queriam isso, *unschoolers* queriam isso, pais queriam isso e os próprios jovens queriam isso. Todos eles concordavam que essas habilidades seriam úteis tanto no nível pessoal quanto no nível profissional. O único problema? Ninguém concordava em como chamar esse pacote.

Mas, para mim, um termo despontava claramente: aprendizagem autodirigida. Trata-se de uma expressão que representa liberdade, escolha e a postura de se abraçar a aprendizagem em qualquer lugar onde se esteja. Era o melhor sinônimo de aprendizagem independente no século XXI e senti que o termo precisava de mais entusiastas.

Esta leitura contém as melhores aventuras, insights, lições e histórias que eu reuni no meu percurso de aprendizado. Este livro também é uma carta de amor para os aprendizes autodirigidos ao redor do mundo: os *unschoolers*, as pessoas que aprendem de forma independente dentro das escolas, os frequentadores de acampamentos de verão, os aventureiros, os empreendedores, pais e viajantes que continuamente me inspiram a trabalhar nessa vibrante fronteira do mundo da educação.

Se você gostar do que viu aqui, e especialmente se você tiver uma história para compartilhar, espero que me escreva no e-mail yourstruly@blakeboles.com

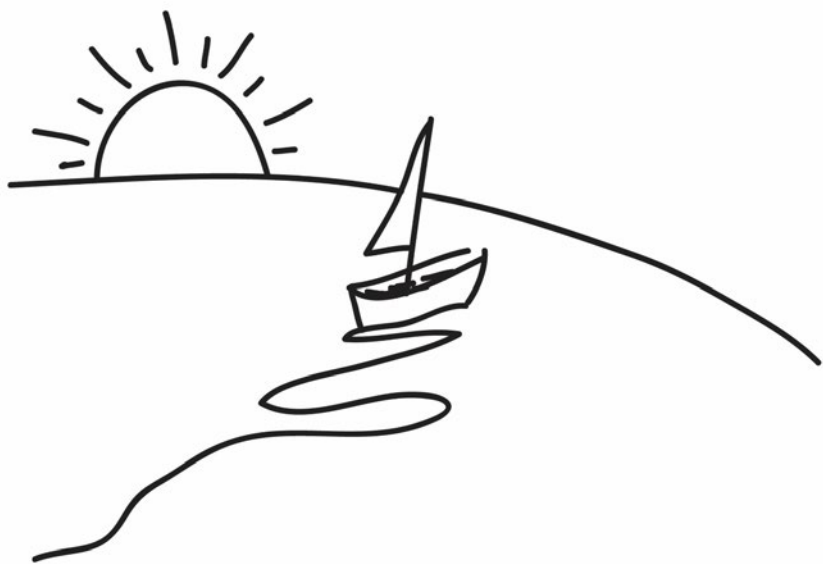


Montagem feita pelo Blake Club, meu fã-clube anônimo online (composto basicamente por participantes de acampamentos e alunos com os quais trabalhei), que adora photoshopar minha cabeça de jeitos estranhos, engraçados e bastante bizarros
(<https://www.facebook.com/BlakeClub>)

APRENDIZES E APRENDIZAGEM

I.

A Menina que Navegou o Mundo



Quer saber como a aprendizagem autodirigida se parece? Pegue o exemplo de Laura Dekker, que em 2009 anunciou seu plano de navegar ao redor do mundo por conta própria.

Isso é algo impressionante de qualquer forma, mas o mais interessante é: ela tinha apenas 14 anos.

Laura, uma cidadã holandesa, tinha o objetivo de se tornar a pessoa mais jovem do planeta a fazer uma volta ao mundo de barco – e ela estava preparada. Laura nasceu num barco, passou seus quatro primeiros anos de vida no mar, começou a navegar sozinha aos 6 anos, iniciou suas participações em corridas marítimas aos 7, viajou sozinha de barco da Holanda para a Inglaterra aos 13 e já tinha equipado sua embarcação especificamente para viagens de volta ao mundo. Seus pais apoiaram plenamente sua decisão e confiaram na sua capacidade de fazer a viagem de forma segura.

No entanto, quando Laura revelou seu plano para o mundo, o juizado de menores holandês tomou medidas legais para impedi-la de realizar uma aventura que eles consideravam obviamente irresponsável.

Além das preocupações em relação à segurança, o juizado argumentou que, ao perder um ano do Ensino Médio, a educação de Laura ficaria gravemente prejudicada.

Será que Laura estava preparada para o desafio de navegar ao redor do mundo? Será que ela aprenderia o mesmo tanto, ou mais, ao fazer essa viagem em comparação a ficar sentada no banco da escola? Será que, caso ela protelasse seu sonho, não perderia uma parte importante de si?

Laura sabia as respostas para essas perguntas. Os pais dela sabiam as respostas. Mas as autoridades holandesas não sabiam.

Em momentos como esse, nos defrontamos com uma escolha: desistimos em favor de uma autoridade que diz que sabe o que é melhor para nós, ou defendemos o que acreditamos ser certo e importante?

Laura poderia ter aceitado o pronunciamento do juizado. Ela poderia ter abandonado seu sonho. Poderia ter dito para si mesma que, ainda que possuísse a atitude, habilidades e preparação necessárias para viver a própria vida, seria mais fácil deixar outra pessoa fazer isso.

Mas isso não é o que aprendizes autodirigidos fazem, e também não foi o que Laura fez.

...

Contando com o apoio de uma comunidade internacional de pais, navegadores e educadores, Laura e sua família lutaram contra a decisão do juizado.

A batalha não foi fácil. Num certo momento, o juizado manteve Laura sob custódia da Justiça, e ela protestou fugindo para a ilha caribenha de Saint Marteen.

Oito julgamentos e um ano depois, a segunda instância da Justiça holandesa reviu a decisão do juizado de menores e, duas semanas depois, Laura iniciou sua jornada em Gibraltar a bordo de Guppy, seu barco de 38 pés. Ela deu a volta toda em um ano e meio, terminando a jornada com 16 anos, a menina mais jovem a navegar ao redor do mundo por conta própria.

Aprendizes autodirigidos começam com um sonho de ir mais longe, enxergar mais e se tornar mais do que os outros lhe dizem que é possível. Mas só sonhar não é suficiente; você precisa lutar para transformar seus sonhos em realidade.

2.

O que Aprendizes Autodirigidos Fazem



É claro, você não precisa dar uma volta ao mundo de barco, travar batalhas judiciais ou fazer nada tão grandioso para se tornar um aprendiz autodirigido. Em mais de uma década pesquisando e viajando, conheci bem poucos aprendizes autodirigidos “brilhantes” ou “altamente capazes”, mas, por outro lado, conheci inúmeras pessoas que simplesmente decidiram assumir plena responsabilidade pela sua aprendizagem. “Gênios”, como John Taylor Gatto diz, “são tão comuns como terra”.

Pessoas que aprendem de maneira autodirigida são normais. Elas acordam de manhã, trocam de roupa e comem seu café da manhã. Escovam os dentes, checam seus computadores e alimentam seus animais de estimação. E então se perguntam: Para onde eu quero ir na vida, e como conseguirei chegar até lá?

Quando essas pessoas escolhem ir à escola, elas chegam no horário, fazem anotações e não atrasam seu dever de casa – isso porque a escola está as levando para onde elas querem ir.

Quando elas escolhem trabalhar em algo, elas se dedicam por longas horas, voluntariam-se para fazer as tarefas difíceis que os outros evitam e são promovidas – porque o trabalho está as levando para onde elas querem ir.

A diferença entre os aprendizes autodirigidos e as outras

pessoas é: no momento em que eles sentem que a escola ou o trabalho escolhido não estão mais a serviço dos seus objetivos de vida, eles não permanecem ali. Eles cabulam o caminho usual, pegam mapa e bússola e começam a explorar novos territórios.

Em vez de tolerarem uma situação escolar miserável ou improdutiva, aprendizes autodirigidos descobrem como conseguir uma educação nos seus próprios termos. Isso inclui mudar sua postura na escola, encontrar uma outra escola ou abandonar o modelo escolar em prol de outras estratégias educativas.

Se o trabalho começa a não ter significado ou não serve mais ao propósito de uma aprendiz autodirigida, em vez de se resignar a um emprego frustrante ou sem sentido, ela dá passos claros para melhorar sua situação. Isso inclui negociar responsabilidades diferentes no trabalho atual, buscar trabalhos melhores em outros lugares ou começar seu próprio negócio.

Aprendizes autodirigidos assumem total responsabilidade por suas educações, carreiras e vidas. Pense profundamente em onde você quer ir, pesquise todas as opções e então vá com firmeza na direção escolhida.

3.

O que Aprendizes Autodirigidos
Não Fazem



Nos meus tempos de faculdade, organizei um curso para meus colegas chamado Nunca Fui Ensinado a Aprender. A ideia era fazer uma introdução subversiva sobre teorias alternativas de aprendizagem.

No final do semestre, um dos meus alunos me deu uma touca de lã de presente.

De um lado, lia-se:

“Ensinar a Si Mesmo a Aprender”

E do outro:

“Aprender a Ensinar a Si Mesmo”

Ao girar a touca, as frases se juntavam para formar uma sequência infinita:

“Ensinar a Si Mesmo a Aprender a

Aprender a Ensinar a Si Mesmo...”

Eu perdi a touca alguns dias depois numa mercearia gigante chamada Berkeley Bowl, mas aquelas palavras permaneceram comigo como um mantra, me lembrando que ensinar e aprender são dois lados da mesma moeda.

Aprendizes autodirigidos podem ser definidos tanto pelo que fazem quanto pelo que não fazem. Algo que eles não

fazem é condenar universalmente professores, estrutura ou métodos de instrução formal. Eles admitem que esses métodos, desde que escolhidos livremente, têm seu lugar.

Abaixo, listo mais algumas coisas que aprendizes autodirigidos não fazem:

- Aprendizes autodirigidos não gastam muito tempo em lugares onde se sentem constantemente entediados ou desengajados;
- Aprendizes autodirigidos não escondem suas paixões e interesses para agradar aos outros;
- Aprendizes autodirigidos não desistem de seus objetivos ao se depararem com o primeiro obstáculo;
- Aprendizes autodirigidos não lastimam quando se encontram numa situação estranha ou desconfortável; eles encaram a vida como um olhar antropológico, aprendendo sempre que possível;
- Aprendizes autodirigidos não pensam que eles podem (ou devem) aprender tudo sozinhos;
- Aprendizes autodirigidos não acham que, caso não aprendam algo agora, depois será tarde demais. Eles sabem que podem encontrar seu caminho em qualquer momento da vida.

**Não jogue o bebê fora junto com a água do banho.
Abra-se para o mundo e absorva tanto aprendizado
quanto possível.**

4.

Aprendizagem Consentida



Logo após a faculdade, entrei num curso técnico de emergência médica. Louco para construir habilidades práticas e mão na massa depois de 16 anos de abstrações acadêmicas, eu esperava que a primeira aula fosse direto para a parte boa: como estancar um grande sangramento arterial, como enfiar uma caneta na traqueia de alguém para ajudá-la a respirar novamente ou como usar uma tala para imobilizar uma fratura no fêmur.

Ao invés disso, nós tivemos uma conversa sobre consentimento.

Técnicos de emergência médica, eu aprendi, podem cometer todo tipo de erro. Numa batida de carro, por exemplo, é só começar a mover as pessoas acidentadas e você pode acabar agravando uma lesão na coluna de alguém. Ao atender a uma criança sem a permissão de seus pais, você pode se meter em uma grande encrenca.

O princípio básico é: não ajude alguém sem perguntar antes. Obtenha consentimento primeiro. Até porque, quando você pensa que está ajudando, pode estar na verdade piorando a situação.

Depois daquela aula, revivi toda a minha trajetória na educação básica. A despeito da quantidade de pessoas de bom coração e bem-intencionadas que tiveram um papel nas minhas experiências de educação formal, quantas

sequer se preocuparam com meu consentimento? Quantas me fizeram (e realmente me incentivaram a refletir sobre) as perguntas: Será que eu realmente queria ir à escola? Será que eu concordava que fazer essa tarefa era realmente uma boa ideia? Aquela aula realmente valia o tempo dedicado a ela? E o que mais eu poderia ter feito com meu tempo que não ficar sentado e entediado?

Foi então que percebi que a escola é um péssimo lugar para se aprender sobre consentimento – o que é uma pena, dado que o consentimento é a pedra fundamental de qualquer relacionamento ou comunidade saudável que já conheci.

Para mim, consentimento significa:

- Entender com o que você está se comprometendo;
- Conhecer quais são as alternativas;
- Dizer “sim” de modo a preservar seu poder de dizer “não”.

Para ilustrar, vamos imaginar que você está pensando em se inscrever em uma aula de gastronomia. Consentir totalmente no caso dessa aula significa ler cuidadosamente a descrição do curso, procurar comentários e recomendações de quem já o fez, compará-lo a outros cursos disponíveis e compreender como funciona a política de reembolso.

Tendo feito essa pesquisa, você está pronto para tomar uma decisão informada sobre começar as aulas de

gastronomia, ao mesmo tempo em que se reserva o direito de parar de frequentá-las, se assim preferir.

Agora, imagine como seria aplicar esse método para qualquer decisão educacional da sua vida. Esse é o trabalho diário de um aprendiz autodirigido.

Uma jovem que se formou no Ensino Médio e que aprende de maneira autodirigida não tenta simplesmente uma vaga nas “melhores universidades”. Ela visita os *campi*, entrevista professores, conversa com alunos já matriculados e localiza pessoas que se formaram recentemente em cada uma das opções disponíveis. Ela considera múltiplos caminhos, inclusive não fazer faculdade. E, se ela entra em alguma, sempre se lembra de que pode mudar para outra ou abandonar a educação superior, se assim o decidir.

Um adolescente *homeschooler* capaz de aprender de forma autônoma não presume que as escolhas de seus pais automaticamente o farão ter sucesso. Tão cedo quanto possível, ele começa a assumir as rédeas de sua própria educação. Por meio de livros, da internet e do contato com outras pessoas, ele faz pesquisas para informar suas decisões. Se o currículo escolhido por seus pais não mais lhe parece significativo, ele defende e argumenta quanto a seus interesses. Se fica com vontade de ir à escola, ele propõe essa alternativa como um experimento para si

próprio. Ele se vê como um participante ativo – e não um peão de tabuleiro – da sua própria educação.

Quando uma mãe que pratica a aprendizagem autodirigida quer que seu filho tenha aulas de violino, ela não o matricula simplesmente nas aulas. Ela explica seu raciocínio para ele: “Eu quero que você aprecie música”, por exemplo. Ela sugere outras atividades que poderiam fornecer os mesmos benefícios, como aulas de violão, composição de música digital ou assistir a uma sinfonia. Ela estabelece expectativas claras em relação às aulas ou à tutoria: “quero que você dê o melhor de si em três aulas”. Ela dá espaço para o filho pensar, elaborar suas opiniões e responder. Ela não impõe, bajula ou chantageia o filho emocionalmente. Ela o trata como o adulto promissor que ele logo se tornará, e isso significa que quando ele diz “não”, é não. E, se ela fica muito impaciente, ela mesma se matricula nas aulas de violino e lidera pelo exemplo.

C. S. Lewis escreveu: “De todas as tiranias, aquela que se justifica pelo bem de suas vítimas talvez seja a mais opressora”. A educação não foge à regra. Tornar-se um aprendiz autodirigido é se virar, nas palavras do meu amigo Ethan Mitchell, um aprendiz consentido.

Rejeite a tirania da aprendizagem forçada, a despeito do quão desejado seja o resultado final.

Você não faz com que seus filhos aprendam nada?

“Fazê-los aprender? Não. Não os faço aprender nada. Eu instigo. Eu sugiro. Eu ofereço incentivos. Mas eu não faço por eles. Não sou o planejador da vida deles: essa função já tem dono. Meu trabalho não é decretar no que eles serão bons ou como eles farão cada coisa. Não sou o rei da vida deles. Eles são soberanos. As mentes deles pertencem a eles próprios. É propriedade deles, afinal.

Meu trabalho é abordá-los com humildade, sabendo que minha habilidade de discernir o que eles serão ou farão, ou no que serão bons, não é nada comparada à deles. Minha função é apoiá-los em seu próprio discernimento. É disponibilizar experiências, trabalhos, brincadeiras, recursos, professores, mentores e colaboradores com o intuito de ajudá-los a se construírem. É conversar sobre as coisas com eles, mas também não ficar conversando demais o tempo todo. Meu trabalho é ficar calma, me calar e servi-los quando posso. Eu não dirijo nada. Menos de mim. Mais deles.”

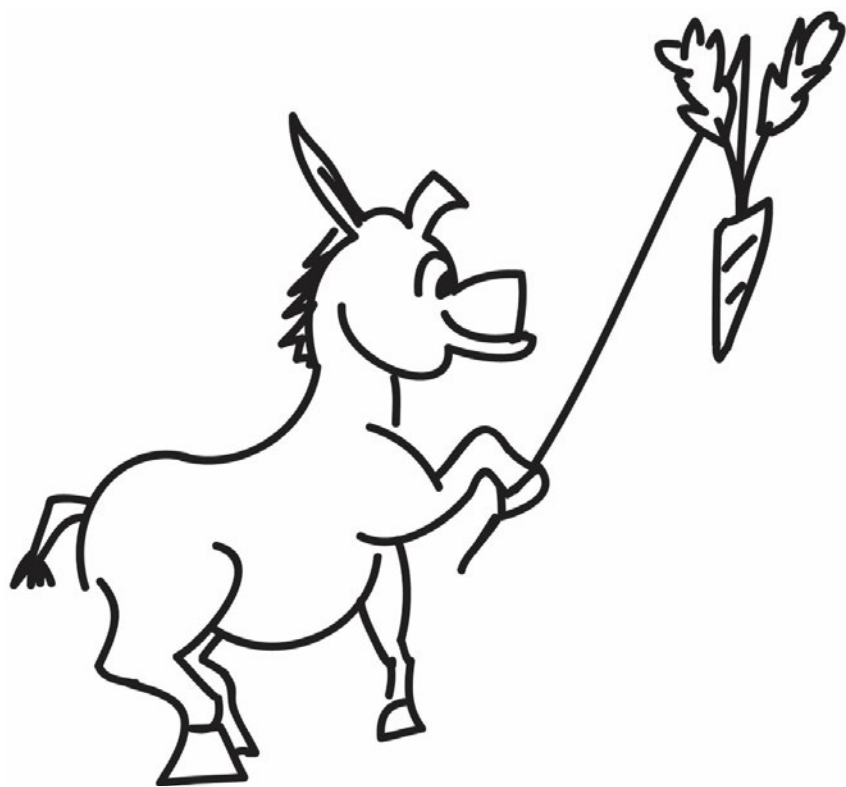
Ana Martin

(página do “The Libertarian Homeschooler” no Facebook)

MOTIVAÇÃO

5.

Autonomia, Maestria e Propósito



Celina Dill, 14 anos, era uma aluna de uma escola pública em Whidbey Island, Washington, que só tirava 10, mas que se sentia esgotada. Até que seu pai sugeriu que eles explorassem outras opções educacionais. Muitas conversas depois, Celina, sua irmã mais velha e seu pai decidiram juntos se mudar da casa alugada onde moravam, guardar seus pertences no galpão de um amigo e viajar pela Europa por seis meses com um orçamento bem reduzido.

Dando aulas de dança, comendo barato e ficando na casa de 50 famílias diferentes em 17 países, a família viajou o continente com menos dinheiro do que o necessário para continuar alugando a casa onde viviam em Whidbey Island pelo mesmo período.

Quando retornou aos Estados Unidos, Celina voltou para a escola, mas não conseguiu ficar alheia ao fato de que algo dentro dela havia mudado profundamente. Na metade do seu primeiro ano no Ensino Médio, ela começou a ir só a metade das aulas. Depois, decidiu migrar para a educação online.

“Eu percebi rápido”, Celina me disse depois no Acampamento de Quem Não Volta à Escola, “que havia muitas coisas que eu queria fazer com a minha vida que eu simplesmente não podia fazer na escola”. Foi assim que ela decidiu parar de ser uma aluna formal.

Celina, então, começou a dedicar seu recém-conquistado tempo livre cozinhando, fazendo musculação, dando aulas de dança, fazendo retratos fotográficos, tocando harpa, escrevendo e explorando a região em que morava. Seu pai, um professor de dança, artista e designer industrial – e alguém que também abandonou a faculdade de arte – apoiou a escolha de Celina de criar seu próprio caminho de aprendizagem. Sua mãe (divorciada do seu pai) não apoiou muito no início, mas, com os argumentos consistentes de Celina e de sua irmã mais velha, ela acabou mudando de opinião.

Com 16 anos, Celina já era bastante independente e queria morar sozinha, e então ela começou a pesquisar opções de moradia de baixo custo. Ela concluiu que poderia construir uma pequena casa num trailer, e que isso lhe daria a privacidade que ela ansiava por um preço bem baixo – caso ela mesma se dispusesse a construir. Com o amplo suporte de seu pai, Celina começou a projetar e a construir uma pequena casa que ela poderia estacionar em qualquer lugar e chamar de sua.

Para desenvolver as habilidades necessárias para construir e projetar, Celina começou a estagiar com um arquiteto local por nove meses. Durante esse tempo, ela fez conexões com pedreiros, coletou restos de materiais pela cidade e reconstruiu um chassi móvel de uma casa com a ajuda de um instrutor de soldagem. Para conseguir o

dinheiro para os materiais, ela deu aulas de dança, fez retratos, sites e pegou um trabalho relacionado à inserção e registro de dados.

Hoje, aos 19 anos, Celina está colocando o piso e fazendo as instalações de sua pequena casa. Ela estaciona o trailer na propriedade de um amigo que cobra 400 dólares por mês pela vaga, água, energia e espaço no jardim. Ela está feliz, engajada num trabalho que faz sentido e tem uma ótima perspectiva quanto a seu futuro.

...

A história de Celina é inspiradora e intimidadora ao mesmo tempo porque é fácil ler sobre pessoas como ela e dizer a si mesmo, “ela é automotivada, eu não”.

Mas aprendizes autodirigidos altamente motivados como Celina não surgem por geração espontânea. Há três ingredientes consistentes em histórias como a dela:

- Autonomia;
- Maestria;
- Propósito.

Todo aprendiz autodirigido precisa de um alto grau de autonomia: liberdade para tomar suas próprias decisões. Celina conquistou sua autonomia ficando um tempo afastada da escola para viajar pelo mundo, e foi assim que

ela pôde escolher se tornar educadora de si própria com o (eventual) apoio de ambos os pais.

Em seguida, aprendizes autodirigidos precisam de maestria: a oportunidade de ser excelente em várias habilidades em vez de apenas apalpar a superfície. Celina buscou maestria como professora de dança, fotógrafa, musicista e também como construtora de pequenas casas, e cada um desses ofícios representou um grande desafio com muito espaço para aperfeiçoamentos.

Por fim, aprendizes autodirigidos precisam de um senso de propósito: o sentimento de que suas buscas estão conectadas a um objetivo maior. Para Celina, o ato de construir sua casa (e ganhar o dinheiro para custeá-la) estava associado a um forte desejo de alcançar independência, criar seu próprio mundo e ter relacionamentos significativos com tudo que a rodeava.

Os ingredientes secretos da aprendizagem autodirigida não são tão secretos assim, afinal. Encontre sua autonomia, maestria e propósito, e você encontrará seu caminho.

...

Autotélico: um outro termo para “aprendiz autodirigido”

“Au-to-té-li-co: que tem um propósito que não lhe é externo, mas, sim, centrado em si mesmo.

Uma pessoa autotélica precisa de poucas posses materiais e baixas doses de entretenimento, conforto, poder ou fama, porque muito do que ela faz já é, por si só, recompensador. Como essas pessoas experimentam o estado de fluxo no trabalho, na vida em família, nas interações com as outras pessoas, ao se alimentarem e até mesmo sozinhas sem nada para fazer, elas são menos dependentes de recompensas externas que incentivam outras pessoas a levar uma vida composta de rotinas. Elas são mais autônomas e independentes porque não são facilmente manipuladas a partir de ameaças ou recompensas vindas do exterior. Ao mesmo tempo, elas se envolvem mais em tudo que as rodeia porque estão totalmente imersas no momento presente.”

Mihali Csikszentmihalyi (Autor do livro “A Descoberta do Fluxo”)

b.

Disciplina, Dissecada



O escritor John Cheever colocava seu terno todas as manhãs e descia no elevador do prédio onde morava.

Em vez de sair no piso térreo, ele continuava até chegar a um depósito que ficava no subsolo.

Lá, ele tirava seu terno e ficava só de cueca escrevendo até o meio-dia. Então ele se vestia novamente, pegava o elevador de volta para o almoço, e assim continuava seu dia. Foi fazendo isso que ele completou sua obra mais importante.

O primeiro e mais racional medo de um aprendiz autodirigido é: “Como fazer o que precisa ser feito?” Se Cheever servir de exemplo, então a resposta é simples: encare seu projeto como um emprego incrivelmente bem pago. Trabalhe todos os dias, dedique-se para valer, siga em frente e, então, a mágica acontece.

O autor Stephen Pressfield entende isso como a postura de “se tornar profissional”. A ideia é que nós conseguimos fazer as coisas quando jogamos fora nossas desculpas, demolimos nossas distrações, cortamos as bobagens e invocamos cada gota do nosso estoque de autodisciplina.

No entanto, precisamos pisar com cuidado ao redor da palavra disciplina. Como o ensaísta Paul Graham explica, “uma das ilusões mais perigosas que alimentamos por causa da escola é a ideia de que fazer coisas incríveis

requer muita disciplina”. Muitos realizadores de mão cheia e pessoas altamente criativas, Graham argumenta, são na verdade procrastinadores terríveis que têm pouca disciplina para tarefas que os entediam.

Assim, temos duas posturas distintas em relação à disciplina. A primeira é entrar de cabeça no que precisa ser feito, abandonar todas as distrações e fazer o trabalho, não importa o que aconteça. A segunda é não forçar nada, enxergar a procrastinação como um alerta e aguardar a inspiração vir.

As duas estão corretas.

Experimente isto. Na próxima vez que você estiver lidando com alguma tarefa autodirigida assustadora – algo que ninguém poderá fazer, exceto você – faça a si próprio três perguntas:

- Se eu não fizer essa tarefa, me sentirei mal depois, talvez até fisicamente?
- Quando fiz essa tarefa no passado, isso fez uma diferença importante na minha vida ou para o mundo?
- Quando fiz essa tarefa no passado, eu só precisei passar da fase de resistência inicial, e depois a automotivação tomou conta?

Se sua resposta for “sim” para todas as três perguntas, então seu chamado é verdadeiro. É a hora de desativar seu Wi-Fi, ficar só de cueca e começar a escrever ou fazer

qualquer outra coisa que seja necessária para sentar a bunda na cadeira e se concentrar.

Se a resposta for “não” para muitas das perguntas, talvez você esteja trabalhando no projeto errado ou esteja abordando-o de maneira equivocada. Sentar a bunda na cadeira talvez não ajude aqui – é hora de mudar a direção.

E se as respostas das perguntas forem “não sei” ou “não tenho informações suficientes”, então pode ser bom investigar um pouco. Tente se concentrar e observe atentamente o que acontece com você. Você está entusiasmado? Isso está valendo seu tempo? Em seguida, depois de algum tempo de esforço genuíno, pergunte-se as três questões novamente.

No meu caso, penso em relação à corrida e à escrita. Se eu fico adiando uma corrida mais longa ou atrasando um projeto de escrita por muito tempo:

- Começo a me sentir mal, algumas vezes até fisicamente;
- Paro de sentir que estou fazendo alguma diferença para o mundo e para a minha saúde;
- Percebo que estou apenas me esquivando da fase de resistência inicial – colocar o tênis ou abrir o processador de texto – e não da tarefa em si, que me satisfaz completamente depois que a começo.

Mais do que qualquer coisa, a arte da aprendizagem autodirigida é a arte de saber o que entusiasma você, o que

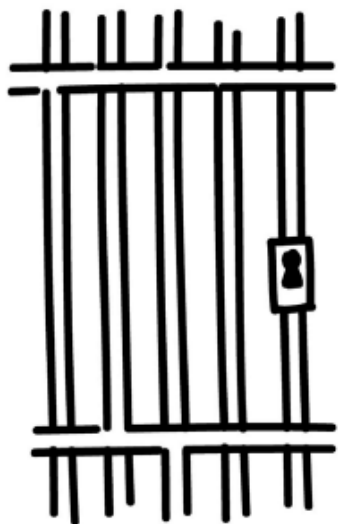
o distrai e o que é mais importante alcançar na sua vida agora.

Reunir esse conhecimento requer aparentemente um incontável volume de reflexões, diálogos e autopercepção. Mas a recompensa disso, nas palavras do meu amigo Dev Carey, é que “a disciplina se torna apenas um lembrete”.

Autodisciplina não é um atributo universal que você tem ou não tem. Ela é resultado do encaixe das suas ações com o trabalho que é mais importante para você.

7.

Prisões e Chaves



EU NÃO CONSIGO



EU PODERIA SE...

No meu primeiro ano no acampamento de verão, ouvi rumores sobre a fogueira do sábado à noite. Algo estranho acontecia depois, me contaram, mas ninguém me dizia o quê.

No nosso primeiro sábado ao escurecer, me reuni com o restante das pessoas do acampamento para a caminhada de aproximadamente meio quilômetro até o local da fogueira. Não eram permitidas lanternas, e os instrutores nos orientaram a ficar de olho no caminho à medida que andávamos pela floresta. A expectativa só aumentava.

Às dez e meia da noite, quando o show de talentos acabou e os carvões da fogueira já piscavam na escuridão, finalmente descobri o grande segredo. Cada um dos jovens que iam pela primeira vez ao acampamento iria voltar pelo caminho da floresta, no breu, sozinho. Minhas botas mal-amarradas só conseguiram sentir meus pés tremendo.



Blake, com 11 anos, no acampamento Deer Crossing junto com o coordenador, Jim Wiltens

Anos depois, como um veterano de acampamentos e instrutor, eu saboreava a lembrança da minha primeira “travessia da noite”, um rito de passagem que ninguém lhe conta até que você já tenha de passar por ele.

Mas, naquele momento, enquanto eu esperava pela minha vez de descer aquela pedra de granito amedrontadora, minha mente latejava de medo, ansiedade e pensamentos contestadores de alguém que sustentava orgulhosamente ter 11 anos. “Isso é ridículo! Quem eles pensam que são? Vou processar todos eles!”

Senti uma mão encostando no meu ombro. “Não se desespere”, uma instrutora gentilmente me aconselhou. “Nós temos preparado você para isso.”

E ela estava certa.

O Acampamento Deer Crossing era um lugar curioso e especial para se ir todo verão, e não apenas porque eles faziam crianças de 11 anos caminharem na floresta sozinhas. A primeira coisa que você aprendia no Deer Crossing era que, nesse acampamento, não era permitido dizer “eu não consigo”. Nem nas aulas, nem nas refeições, nem mesmo em conversas casuais.

“Com certeza vou acabar quebrando essa regra”, lembro-me de ter pensado quando a ouvi no primeiro dia. Ela me soava como um tipo de pronunciamento nobre que um diretor de escola exclamaria no primeiro dia de aula, sem efeito prático algum.

No entanto, nos meus primeiros dias de acampamento, percebi que todo mundo levava a direttriz a sério.

Não que ela fosse universalmente aceita: a consequência mais séria de dizer “eu não consigo” eram as zoações dos outros colegas de acampamento, entoando em uníssono, “você o queeee?”

Ainda assim, esse estranho princípio teve sucesso total

num aspecto. No Deer Crossing você aprendia que toda vez que dissesse “não consigo”, você estava fazendo uma escolha. De forma delicada, os instrutores sempre nos lembravam que, em vez de dizer isso, nós poderíamos dizer algo diferente: “eu poderia se...”

Meu primeiro “eu poderia se...” foi nas aulas de caiaque, quando estávamos treinando a manobra de virar os caiaques na água e sair mergulhando deles (nossos caiaques eram fechados em cima, no estilo daqueles White Water).

Numa das minhas viradas, meu pé ficou preso, o que me forçou a engolir um bocado de água de uma vez só. Entrei em pânico e esbravejei: “não consigo andar nesse caiaque idiota!” Minha vontade era sair dali o mais rápido possível, mas meu instrutor me convenceu a pensar um pouco no “eu poderia se...” antes.

O que havia feito meu pé ficar preso no caiaque, e o que eu poderia fazer diferente da próxima vez? Ainda relutante, comecei a pensar em várias respostas possíveis.

“Eu poderia tirar meu pé mais facilmente se eu... usasse um tênis menor.”

“Sim, é uma opção”, o instrutor respondeu. “Que mais?”

“Se eu me curvasse mais para a frente?”

“Sim. Que tal mais uma?”

Quase fundi meu cérebro de tanto pensar. “Se eu... tomasse mais fôlego antes para ter mais tempo lá embaixo?”

“Perfeito! Vamos tentar essa”, disse ele.

Surpreendentemente, na virada seguinte, saí do caiaque como um peixe deslizando.

...

Se alguém tivesse me introduzido à estratégia do “eu poderia se...” na fase adulta, talvez eu a achasse uma daquelas coisas de autoajuda sem sentido. Mas, para a minha versão de 11 anos que estava lidando com a expectativa de uma assustadora caminhada na escuridão, o “eu poderia se...” acabou sendo a chave que me libertou da prisão da descrença no meu próprio potencial.

Ao sentir meus joelhos trêmulos naquela fria noite na montanha, respirei fundo, me recompus, e então me perguntei: eu poderia dar conta desse caminho se eu...

Andasse até a ponta da pedra de granito, onde já começa a ter terra...

Procurasse caminhar entre as duas árvores maiores...

E seguisse o barranco rochoso ao longo da trilha na floresta.

Dei o primeiro passo. Cinco minutos depois, já estava de volta ao acampamento.

O acampamento de verão me ensinou que meu hábito de dizer “eu não consigo” era uma prisão, mas havia uma chave: “eu poderia se...” Para fugir dessa prisão, tudo que eu precisava fazer era usar a chave e pensar de uma forma um pouco diferente.

Atitude é o recurso mais precioso de um aprendiz autodirigido. Para cada prisão, é possível encontrar uma chave.

...

Prisões e Chaves

Eu não consigo – Eu poderia se

Eu devo – Eu escolho

Não sei – Vou descobrir

Eu desejo – Farei um plano

Eu odeio – Eu prefiro

Eu preciso – Eu começo

8.

Não Vá com a Primeira Resposta Certa



Sean Aiken frequentou um colégio comum no Canadá, foi direto para uma faculdade pública comum, e se formou com um diploma comum em Administração.

Infelizmente, ao tomar o caminho comum, Sean não conseguia encontrar o que queria fazer da vida, além de não saber de nenhum método que poderia ajudá-lo a descobrir.

Após a faculdade, todos diziam para Sean “encontrar o que ama fazer”, o que apenas o deixava mais frustrado porque ninguém nunca explicou exatamente como fazer isso. Ele viajou por um breve período, mas no fundo se sentia paralisado, e então voltou a morar com seus pais.

Nesse momento, Sean poderia ter abandonado sua busca por um trabalho com significado. Ele poderia ter conseguido um trabalho tradicional qualquer. Em vez disso, ele decidiu arranjar 52 trabalhos.

Vindo de uma trajetória de 16 anos ininterruptos de educação formal, Sean percebeu que ele simplesmente não sabia que tipo de trabalho poderia fazer, e por isso não conseguia tomar uma decisão de carreira informada. Assim, para descobrir suas opções, ele bolou um plano para experimentar um trabalho diferente a cada semana do ano.

Ele começou pela sua rede pessoal, perguntando a familiares e amigos se poderia participar de seus

trabalhos por uma semana. Ao longo de sua jornada, Sean escreveu sobre suas experiências no seu recém-adquirido domínio OneWeekJob.com.

A história do desafio de Sean rapidamente se disseminou online, e ele começou a receber ofertas de trabalhos por toda a América do Norte para se tornar: produtor de leite, executivo na área de publicidade, instrutor de bungee jumping, padeiro, bombeiro e corretor de bolsa de valores.

Ao final do processo, havia conquistado certa fama e decidiu aproveitar esse momento para escrever um livro, ajudar a produzir um documentário e palestrar para grupos de estudantes ao redor do mundo sobre sua iniciativa.

Sean tinha conseguido encontrar seu trabalho dos sonhos – pelo menos o daquele momento – e tudo que precisou foi de 52 experimentos.

Quer você esteja buscando uma nova carreira, considerando diferentes opções de cursos superiores ou avaliando seu próximo projeto de aprendizagem autodirigida, não vá apenas com a primeira “resposta certa”. Saiba também qual é a segunda, a terceira e a quarta resposta – ou a quinquagésima segunda. Investir o tempo necessário para explorar profundamente suas opções fará você se sentir mais motivado para levar a cabo seu comprometimento.

Ao experimentar várias soluções diferentes para os grandes desafios da vida, as respostas certas irão aparecer.

APRENDIZAGEM ONLINE

9.

Googlando Tudo

COMECE AQUI



Meus amigos e eu temos uma piada interna. Sempre que um de nós se pergunta sobre um fato simples – quantas pessoas vivem numa determinada cidade, por exemplo – , alguém responde: “Se pelo menos existisse alguma rede de informações enorme e gratuita que nós pudéssemos consultar...”.

Óbvio que a piada faz referência à possibilidade que qualquer um de nós tem de tirar do bolso um dispositivo conectado à internet e responder à pergunta em segundos.

Hoje, buscar informação online é tão ridiculamente fácil que até criaram um site projetado especificamente para tirar sarro daqueles que não se atentam a isso: Let Me Google That For You (www.lmgtfy.com).

Se quiser dar risada na próxima vez que um amigo perguntar algo estúpido (ou seja, facilmente buscável), entre no LMGTFY, insira o termo de busca que responderá à pergunta do seu amigo, e então envie a ele o link que o site irá gerar.

Quando ele clicar no link, o navegador abrirá uma nova janela do Google. O cursor do mouse apontará para a caixa de busca, o termo de busca será digitado e a pesquisa terá início, tudo automaticamente.

Quando os resultados forem carregados, uma pequena caixa de texto aparecerá dizendo: “Difícil, né?”

O site LMGTFY é uma provocação para nos lembrar que, na medida em que a tecnologia da informação nos empodera, ela também demanda que sejamos mais autossuficientes.

Se você é um aprendiz autodirigido, deve pesquisar na internet toda vez que tiver uma pergunta que precisa ser respondida. Como o escritor Austin Kleon diz: “Dê um Google em tudo. Tudo mesmo. Dê um Google nos seus sonhos e nos seus problemas. Não pergunte nada sem antes dar um Google”.

Para além disso, a aprendizagem online é muito mais do que somente encontrar informações básicas; ela permite aproveitar todo o potencial da internet para fazer tudo de forma mais efetiva. Considere, por exemplo, a história do Bryan, um amigo com quem eu morava junto nos tempos de faculdade, que economizou 30.000 dólares utilizando apenas seu smartphone.

Alguns anos atrás, Bryan quebrou o tornozelo ao se jogar de uma tirolesa no norte da Califórnia. Depois do acidente, um amigo o levou para o hospital mais próximo em São Francisco, mas, como Bryan não tinha um plano de saúde, o preço da cirurgia seria altíssimo.

Deitado na cama do hospital, Bryan se perguntou se não estaria cometendo um erro ao ser tratado na Califórnia.

Por meio de seu smartphone, começou a pesquisar o custo da cirurgia em outras regiões dos Estados Unidos. O Estado de Nova York, ele descobriu, tinha custos consideravelmente menores para o procedimento que ele precisava. Bryan, então, fez algumas ligações, garantiu sua entrada num novo hospital e reservou um voo naquela mesma noite para Nova York – tudo de seu celular –, economizando mais de 30.000 dólares nesse processo.

Se Bryan pôde fazer tudo isso de uma cama de hospital, pense no que você poderia alcançar pesquisando na internet de maneira mais efetiva.

Você sabia que pode usar a internet para:

- Preparar-se para uma entrevista de emprego estudando o site, os posts dos blogs e as redes sociais dos funcionários e diretores da empresa?
- Ter uma breve introdução a respeito de qualquer fato, seja atual ou um evento histórico?
- Distinguir entre conteúdos factuais (isto é, revisados por pares ou razoavelmente confiáveis) e não factuais (opiniões, boatos, pseudociências)?
- Descobrir o endereço de e-mail de algum profissional que você admira?
- Aprender como trocar um filtro de óleo, preparar um frango ou instalar uma janela?
- Saber onde fica a sede de qualquer empresa, descobrir como chegar até lá e ter acesso às avaliações dos clientes?

- Ler três perspectivas distintas a respeito da mesma notícia?
- Descobrir a maneira mais barata de reservar um voo, comprar um livro ou qualquer outro produto?
- Valer-se de operadores como aspas, o sinal de subtração e o termo “site:” para pesquisar na internet de modo mais efetivo?

Cada uma dessas habilidades está ao seu alcance, basta que você separe um tempo para treinar um pouco.

Não sabe ao certo por onde começar? Dê um Google.

A internet é a ferramenta de aprendizagem mais poderosa já criada. Use-a desde cedo e sempre.

10.

Enviando E-mails para Estranhos

NOVA MENSAGEM

PARA: ALGUÉM INCRÍVEL

DE: EU

ASSUNTO: EU ADORO O QUE VOCÊ FAZ

Jonah Meyer, um adolescente de 15 anos, começou a ler um livro de ciências bastante popular – um caótico panorama da ciência moderna – e se tornou profundamente interessado em química.

Para sanar sua curiosidade, Jonah pegou outros livros de ciência para ler e iniciou algumas aulas online sobre química. Ele até começou a utilizar um livro-texto do Ensino Médio, mas só isso não foi suficiente. Ele continuou procurando até que, pouco tempo depois, encontrou algo que parecia perfeito: um curso de introdução de química para calouros na Universidade de Massachusetts em Amherst, próximo de onde morava.

Por ter apenas 15 anos, Jonah sabia que seria difícil (se não impossível) matricular-se como aluno regular no curso. Então, em vez disso, ele pesquisou no Google o nome do professor, encontrou seu endereço de e-mail e escreveu uma mensagem que resumidamente dizia: “Oi, meu nome é Jonah. Tenho 15 anos e estou realmente interessado em química. Queria muito assistir a suas aulas. Seria possível?”

O professor ficou encantado ao saber de um potencial aluno que de fato tinha interesse em química – e não que ia às aulas por obrigação – e disse a Jonah para ir ao primeiro dia de aula.

Jonah e o professor de química fizeram um combinado e, ao longo do semestre, Jonah frequentou todas as aulas, concluiu todos os trabalhos, fez todas as provas e foi aprovado no curso. O professor não poderia oferecer a ele os créditos oficiais de sua disciplina, mas escreveu uma carta de recomendação, permitindo a Jonah ser dispensado do curso de introdução de química se mais tarde decidisse entrar na Universidade de Massachusetts.

Minha parte favorita dessa história é que Jonah foi desescolarizado no final do Ensino Fundamental. O curso de química na universidade foi a primeira vez que ele pisou numa sala de aula em três anos. Mesmo assim, ele criou uma experiência de aprendizagem poderosa para si, e tudo começou com um e-mail corajoso para um estranho.

Se você pode pesquisar alguém no Google hoje, existe uma boa chance de que também possa descobrir seu endereço de e-mail. Então, com apenas um pequeno investimento de tempo e criatividade, você consegue escrever uma mensagem curta e direta, como Jonah fez. Tenha em mente os princípios básicos a seguir para que seu primeiro e-mail tenha as melhores chances de sucesso:

1. Seja breve. De 4 a 6 frases está de bom tamanho para um e-mail de apresentação.

2. Use formatação para dar clareza. Quebre parágrafos maiores em pedaços menores de uma ou duas frases cada, e use um pouco de negrito e/ou itálico para destacar as partes mais importantes.
3. Faça um pedido claro e plausível. Você quer que essa pessoa leia algo que você escreveu e lhe dê feedback? Quer que ela esteja presente no seu evento? Que ela dê alguma informação? Apresente você para outra pessoa? Seja direto e específico, evite pedidos ambíguos, como “me ajude por favor” ou “quero aprender com você”, e minimize o tempo de leitura para seu destinatário.
4. Prove que você é sério. Em outras palavras, mostre para a pessoa que ela não estará perdendo o tempo dela com você. De forma sintética, apresente alguns de seus indicadores de credibilidade (experiências prévias, conquistas educacionais) e a história por trás de seu pedido. E sempre peça a alguém para revisar e dar feedback a respeito do seu e-mail antes de clicar no botão “Enviar”.

Pedir ajuda por e-mail é uma ação de baixo custo e baixo risco que tem um potencial de retorno imenso. Para quem você poderia escrever hoje?

II.

Nossos Rastros Digitais



Quer sorrir? Busque a série de vídeos online Girl Walk // All Day. Ligue suas caixas de som, coloque o vídeo em tela cheia e divirta-se.

Anne Marsen, a dançarina principal da série, cresceu em Nova Jersey como uma bailarina competitiva, apresentando-se no espetáculo O Quebra-Nozes e disputando para ser a melhor bailarina de sua escola de dança.

Mas quando Anne começou na Universidade das Artes na Filadélfia, a pressão tornou-se sufocante. Ela abandonou o curso, mudou-se para Nova York e começou a aprender dança de forma autodirigida, participando de até quatro aulas por dia em estilos completamente diferentes, incluindo jazz, dança contemporânea, sapateado, salsa, flamenco, dança do ventre, breakdance, dança tradicional africana, pole dance e capoeira.

Um ano depois, aos 20, Anne conheceu um produtor de vídeo, Jacob Krupnick, que ficou hipnotizado pelo seu estilo híbrido de dança. Ele sugeriu que eles trabalhassem juntos em algo com potencial de “quebrar a internet”.

Quando o DJ de mashup Girl Talk lançou seu mais novo disco, intitulado All Day, Anne e Jacob sabiam que tinham encontrado sua inspiração. Assim nasceu o projeto Girl Walk // All Day, um vídeo épico de dança de 75 minutos cuja trilha sonora é o próprio álbum de Girl Talk, dividido em 12 vídeos

menores disponibilizados gratuitamente online.

Agora imagine que você é alguém como Anne Marsen. Você não tem um diploma universitário, mas quer participar de uma audição para um novo espetáculo de dança. Qual é a primeira coisa que você mostra às pessoas: seu currículo ou seu vídeo incrível de 75 minutos?

Qual dos dois tem uma chance maior de fazer alguém sorrir? Qual dos dois comunicará imediatamente seu estilo e sua experiência como dançarino? E qual dos dois será simplesmente mais divertido?

Obviamente, o vídeo.

Aprendizes autodirigidos altamente eficazes não somente usam a internet para consumir conteúdo de qualidade; eles também a utilizam para compartilhar com os outros suas paixões, talentos, reflexões e projetos.

Criar conteúdo carrega três vantagens distintas, não importa se seu conteúdo é entregue via site, vídeo, foto, blog, podcast, código, app ou numa conta pública de alguma rede social.

1. Ao criar algo para um público específico, isso ajuda você a se manter em um padrão de qualidade mais elevado. Se Anne e Jacob estivessem produzindo um vídeo de dança somente para eles mesmos, será que eles teriam dispendido tanto esforço? Com certeza não. Nós nos

importamos mais e somos mais persistentes quando sabemos que aquilo que criamos se tornará público.

2. Quando você cria algo para os outros, na prática você se torna um professor, e ensinar algo faz com que você compreenda o assunto mais profundamente.

3. Ao criar uma quantidade suficiente de conteúdo na *web*, você produz seu próprio rastro digital: um repositório online pesquisável no Google de conquistas no mundo real e projetos autodirigidos que as pessoas acharão infinitamente mais interessantes do que um currículo fora de moda.

Girl Walk // All Day é um projeto de sucesso porque faz as pessoas rirem, mas essa não é a única métrica de efetividade de um conteúdo online. Você também pode fazer as pessoas chorarem, ajudá-las a pensar diferente ou resolver algum de seus problemas. Às vezes a melhor forma é começar perguntando a si mesmo: quais conteúdos eu gostaria que existissem quando tento aprender alguma coisa na internet?

Seus empregadores futuros vão googlar você; namorado(a)s futuro(a)s também; e até seus futuros filhos poderão pesquisar sobre você no Google, então comece a preencher a internet com suas criações para que seus rastros valham a pena ser seguidos.

12.

Informação x Conhecimento



Uma afirmação que ouço frequentemente nos círculos de educação hoje em dia é “Você pode aprender qualquer coisa online!”

Só que não. Agora que já discutimos os maravilhosos e empoderadores aspectos da internet, vamos falar sobre suas limitações.

Considere, por exemplo, a história dos Cursos Online Abertos e Massivos (Massive Online Open Courses, ou MOOCs). Quando os MOOCs apareceram pela primeira vez em 2006, críticos anunciaram sua chegada como o fim da educação tradicional. Professores de Harvard e do MIT dando aulas na internet de graça? As portas da Ivy League foram finalmente abertas! Isso mudará tudo!

Não foi o que aconteceu. Em 2013, enquanto milhares de pessoas inscreveram-se para cursos MOOC individuais, aproximadamente 95% delas não os completaram, uma taxa de evasão bem mais elevada do que os cursos presenciais atuais. E não precisa nem dizer que Harvard e MIT não foram a lugar algum.

Há muitas razões pelas quais as pessoas abandonam MOOCs, e os cursos certamente serão aprimorados para que consigam reter mais alunos. Mas a verdade é que a maioria das pessoas não quer ouvir um professor falar por horas a fio, ainda que elas estejam no conforto de suas casas.

Eu acredito que a principal razão pela qual computadores nunca substituirão a educação olho no olho é que existe uma grande diferença entre informação e conhecimento. Na internet você consegue acessar quantidades ilimitadas de informação: dados, textos, vídeos, opiniões e análises. Tal conjunto de informações é importante e útil até certo ponto, mas, se não houver um contexto, rapidamente se torna asfixiante. Qualquer um que já tenha rolado mais de 20 páginas de resultados de busca sabe do que estou falando.

Conhecimento, por outro lado, é quando você conecta os pontos entre diferentes fragmentos de informação, capta o contexto e enxerga o todo. Ao construir conhecimento, sentimos aquele “a-há!” que sinaliza a compreensão clara de algo.

Eis a questão: ao passo que conseguimos consumir quantidades imensas de informação individualmente, nós quase sempre precisamos de outro ser humano para nos ajudar a ligar os pontos e para construir conhecimento.

Não está convencido? Tente fazer isto: procure a resposta para a pergunta “O que é amor?” na internet.

Sites, vídeos e MOOCs podem ser ótimas fontes para começar a encontrar respostas para essa antiga questão. Contudo, em algum momento você precisará desligar o computador e se lançar em alguns relacionamentos

concretos. Ou conversar com pessoas idosas sobre amor e perda. Ou sair para acampar com os amigos e se perder em conversas debaixo do céu estrelado. Para aprofundar seu conhecimento, você precisa interagir com seres humanos na vida real. Salas de bate-papo não são boas em fazer isso, conversas em vídeo são um pouco melhores, mas pessoas de carne e osso são fundamentais para que a aprendizagem profunda aconteça.

E se você quiser discutir os temas comuns de dois romances pouco conhecidos? O primeiro passo pode ser uma pesquisa online, mas depois talvez valha a pena se apresentar para alguns donos de livrarias. Comece a frequentar um clube de leitura local, mesmo que esteja cheio de pessoas 20 anos mais novas ou mais velhas que você. Percorra três Estados para se juntar a uma comunidade de entusiastas da literatura.

E se você quiser descobrir o que faz um estudo científico ser parcial e outro não? Tente encontrar um pesquisador e convide-o para tomar um chá. Localize o autor de um artigo sobre viés de confirmação. Produza seu próprio estudo científico e observe a si mesmo atentamente para entender o quão sedutor é enviesar os resultados.

Se seu foco é se dedicar integralmente a aprender habilidades de informática, como design gráfico ou programação, então, sim, a internet sozinha pode fazer

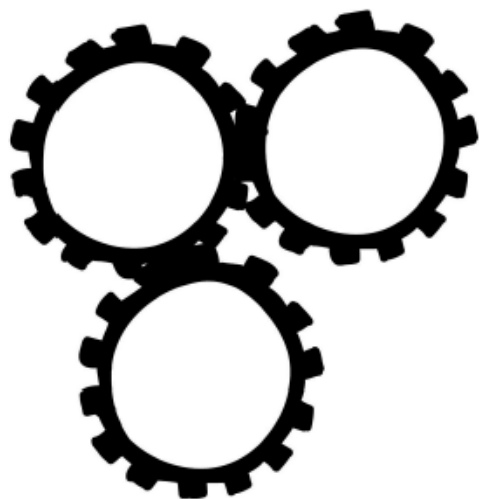
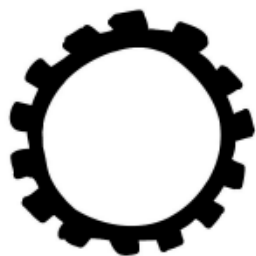
você voar bem alto (tutoriais do Youtube são coisas maravilhosas). Mas os melhores designers gráficos e programadores ainda participam de conferências presenciais que fornecem oportunidades inestimáveis de conexão profunda que fóruns online não são capazes de prover.

Pessoas na vida real comunicam-se por linguagem corporal. Elas entendem as sutilezas do contexto. Elas constroem confiança, avaliam caráter e têm empatia umas com as outras: funções que os computadores ainda não conseguem replicar. É por isso que executivos ainda se encontram cara a cara para fechar grandes negócios, e é pela mesma razão que a efetividade de sites de relacionamento é essencialmente limitada. Para as coisas que realmente importam, computadores não se comparam às interações presenciais.

Seres humanos ainda fazem muitas coisas que os computadores não são capazes de fazer. Não caia na armadilha de pensar que tudo pode ser aprendido online.

13.

Sozinho, Junto



SOZINHO

SOZINHO-JUNTO

Você já tentou escrever um romance? Sim? Então você sabe o desespero incessante que é você sentado, sozinho, em frente a um cursor piscando.

Agora, imagine como seria escrever um romance sendo adolescente. Você conseguiria motivação suficiente para terminar um livro inteiro nessa idade? Para a maioria das pessoas, tal perspectiva parece impossível.

Contudo, em 2009, como parte da primeira imersão de escrita do Unschool Adventures, nós levamos 15 adolescentes para passar um mês numa casa de praia no Estado do Oregon e assistimos a cada um deles escrever 50.000 palavras da mais pura ficção.

Nós repetimos a dose no Colorado com 20 jovens. Depois em Cabo Cod com 25. Todo ano presenciávamos os jovens – ainda que apaixonados pela escrita, a maioria deles amadores destreinados – escrevendo toneladas de texto.

Qual era o segredo? Nós treinamos intensamente os jovens ou monitoramos de perto sua contagem diária de palavras? Nós proibimos conversas que não eram relacionadas à escrita, fizemos eles dormirem cedo para assegurar o tempo de descanso necessário, requisitamos a presença de todos em todas as oficinas e atividades em grupo, ou será que utilizamos algum truque mais complexo para motivá-los a trabalhar rumo aos seus objetivos?

Nós não fizemos nada disso.

O segredo do sucesso das imersões de escrita, creio eu, foi a criação de um espaço para que nossos escritores trabalhassem sozinhos, juntos.

Aqui vai um gostinho de como era a vida na imersão de escrita. Imagine acordar numa cama beliche com o cheiro de pão recém-saído do forno, ir cambaleando até uma área comum e lá encontrar quatro pessoas digitando disciplinadamente em seus notebooks. O que parece a coisa lógica a se fazer? Começar a digitar também.

Mas vamos supor que você não faça isso. Você, ignorando a cena, opta por fazer uma caminhada na praia. Ao passar pela cafeteria na volta, você tropeça em mais dois dos seus colegas, e ambos estão... escrevendo. O que parece a coisa lógica a se fazer? Escrever.

Mas talvez, ainda assim, você resista. Você volta para a casa e lá se depara com o desafio da “Hora Intensa”, um jogo para saber quem consegue agregar mais palavras em seu texto durante uma hora. Ou então uma oficina sobre enredos de uma narrativa. Ou uma conversa informal sobre como se desenvolver um personagem. O que você faz em seguida? Bom, provavelmente você começará a escrever.

Na imersão de escrita, não importa aonde você vá, algum tipo de escrita está acontecendo. As pessoas

estão trabalhando em seus livros individuais, mas estão fazendo isso juntas. Na cultura que um espaço como esse estabelece, escrever é simplesmente a coisa natural a se fazer. Tão natural quanto respirar.

E então, de repente é o final do mês e você escreveu 50.000 palavras, mas com muito menos dor e sofrimento do que se você tivesse tentado fazer o mesmo por conta própria.

Aprendizes autodirigidos muitas vezes precisam lidar com desafios solitários simplesmente porque eles não estão fazendo a mesma coisa que todo mundo. E assim eles acabam se culpando por não se sentirem motivados.

Mas a aprendizagem autodirigida não significa que você precisa fazer tudo sozinho. Inserir-se na atmosfera certa, com pessoas que compartilham dos seus interesses e dosar a quantidade exata de estrutura pode fazer toda a diferença.

Quando o desafio do trabalho individual fica sufocante, reúna uma comunidade de pessoas que compartilham o mesmo desafio.

...

“Humanos são criaturas que só vivem em bando. Se nos colocam numa solitária, enlouquecemos. Isso é verdade até mesmo para pessoas introvertidas; somente na última porção da curva normal é que você encontra pessoas que anseiam por solidão absoluta durante semanas ou meses (e essas pessoas costumam ser bem esquisitas, e é sempre complicado dizer se a esquisitice é causa ou efeito).

De toda forma, estar rodeado por um monte de pessoas que interrompem constantemente faz com que seja difícil manter o foco. É por isso que nossa sociedade inventou a biblioteca, a cafeteria e os espaços de coworking: lugares onde você consegue se concentrar, ainda que esteja cercado de gente.

O segredo é se cercar de pessoas que não estão trabalhando na mesma coisa que você. Assim você não será interrompido inutilmente: bom, talvez algum funcionário pergunte se ele deve lhe trazer mais uma xícara de café, e certamente você será interrompido se o prédio pegar fogo. Mas, caso isso não aconteça, você conseguirá trabalhar tranquilamente naquilo que importa.”

*Comentário de **Michael F. Booth** num post da [Hacker News](#)*

14.

Tribos Nerds



Nos meus tempos de calouro na Universidade da Califórnia em Berkeley, eu morei numa casa compartilhada com mais 125 pessoas chamada Casa Zimbábue. Ao contrário das casas compartilhadas tradicionais, os membros da Casa Zimbábue faziam todo o trabalho doméstico – cozinhar, limpar e administrar a casa – em troca de um aluguel mais barato e de um clima mais vivo.

Comecei minha carreira nos trabalhos cooperativos da casa como assistente de cozinha, grelhando enormes montanhas de legumes e tofu em contêineres de aço maciço. Em seguida, me tornei cozinheiro-chefe, e minha missão era planejar jantares que pudessem satisfazer onívoros, vegetarianos e vegans ao mesmo tempo. À medida que minhas habilidades e minha paixão por cozinhar aumentavam, logo me tornei parte da “máfia da comida”: um grupo informal de colegas cozinheiros e epicuristas que desafiavam uns aos outros a criar jantares cada vez melhores e mais refinados.

No final de cada semestre, a Casa Zimbábue sediava uma festa chamada Jantar Especial. Infelizmente, por muito tempo o evento havia ficado esquecido nas mãos de um bufê italiano a preços superfaturados. Foi quando a máfia da comida e eu decidimos transformar o Jantar Especial em algo que realmente fizesse jus ao seu nome.

Começamos substituindo o serviço de bufê pelos próprios

cozinheiros da casa. Depois fizemos uma meia dúzia de reuniões de *brainstorming* para compor o cardápio, que resultaram em pratos como torta de alho-poró com queijo de cabra, filé assado de costela com cogumelos e sorvete de limão siciliano com frutas vermelhas. Nós convencemos os responsáveis pela administração da casa a redecorar o salão de jantar nos moldes de uma floresta encantada, com direito a enfeites de folhas colhidas de jardins e performances de violino de artistas de rua. Divulgamos sem cessar o evento nas reuniões da casa a fim de trazer todo mundo, inclusive os mais estudiosos e antissociais, para a nossa festa.

O resultado dos nossos esforços foi um banquete de sete etapas, 27 pratos e quatro horas, no qual nossa comunidade festejou e se uniu como nunca havia sido visto antes.

No semestre seguinte, inspirados pelo sucesso do Jantar Especial, a máfia da comida e eu ajudamos a reinventar outro evento sem graça da casa, a Festa da Sobremesa, rebatizando-a de “Bacanália”. Na noite da festa, nós enchemos a casa de bandejas com comidinhas e tigelas com chocolate derretido, e a única regra era: “não é permitido se servir”. Como já era esperado, isso fez com que todos nós ficassemos cobertos de chocolate no fim da festa.

No momento em que eu estava me mudando de Berkeley, eu me sentia pronto para deixar a vida acadêmica, mas

estava incrivelmente triste por ter que deixar minha querida tribo nerd da faculdade.

O nerd se importa tanto com seus interesses, projetos e hobbies excêntricos que não tem tempo para se preocupar com jogos de popularidade. Nerds rapidamente se conectam com outros nerds porque eles escolhem focar em construir coisas e aprender sobre as coisas. E eles ficam tão entusiasmados que se esquecem de escalar a hierarquia social.

No Ensino Médio, ser nerd era péssimo. Importar-se muito com algo era o caminho mais curto para ser excluído socialmente. Mas, na Casa Zimbábue (e na Universidade da Califórnia em geral), empolgar-se profundamente era o jeito mais fácil de fazer grandes amigos.



Blake na Casa Zimbábue, coberto de chocolate, 2002

Como um aprendiz autodirigido que se importava calorosamente com muitas coisas, morar na Casa Zimbábue me ajudou a perceber que só havia um jeito para eu construir uma vida social: aceitar minha nerdice e buscar ativamente outros nerds. Fazendo isso, eu criei e me juntei a vários grupos dos quais eu ainda faço parte hoje: a tribo dos viajantes internacionais, a tribo dos acampamentos de verão e a tribo da educação alternativa.

Para encontrar suas tribos nerds, busque quem se empolga em fazer o tipo de trabalho que faz a maioria das pessoas estremecer (no meu caso: cozinhar para grupos de 90 pessoas, viajar o mundo com apenas uma pequena mochila ou trabalhar com crianças durante todo o verão). Comece procurando comunidades autosselecionadas preexistentes, como locais de trabalho, faculdades, grupos online e de hobbies específicos.

Se no seu caso essas comunidades não existirem, então se concentre somente em encontrar uma ou duas pessoas que tenham a mesma paixão que você. Proponha a elas criar um projeto coletivo (um grande jantar, por exemplo), desafiem-se a ir mais longe do que vocês teriam ido sozinhos, e então você sentirá a doce alegria da nerdice compartilhada.

Para construir uma vida social como um aprendiz autodirigido, encontre amigos entusiastas que o contagiem de automotivação.

...

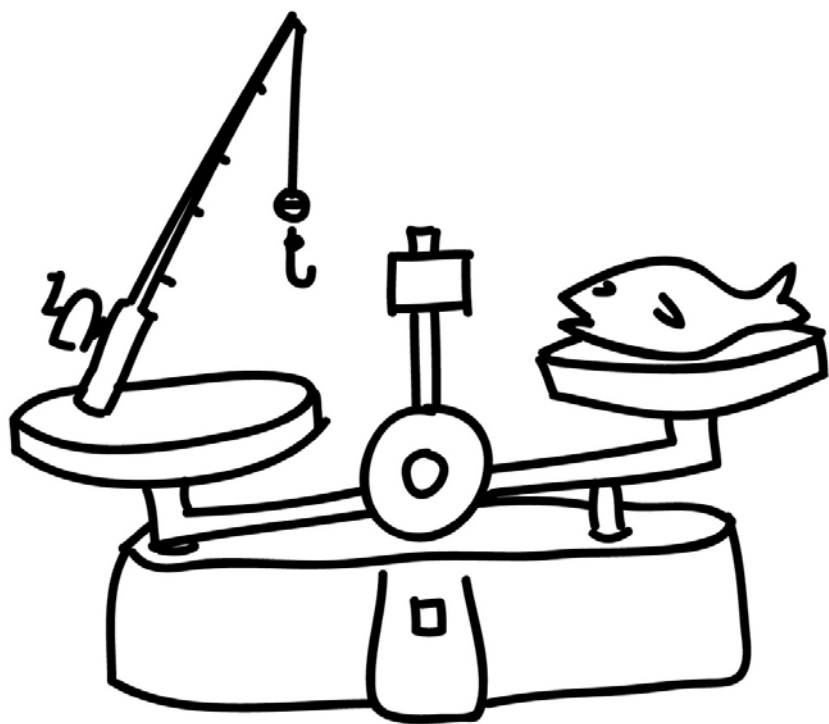
“Ser nerd, o que significa ir muito longe e se importar demais com um tema específico, é a melhor forma de se fazer amigos que eu conheço. Para mim, a fagulha que transforma um conhecido em um amigo costuma ser acesa por uma dose de entusiasmo compartilhado, tipo aqueles relacionados a romances policiais ou a Ulysses S. Grant.”

Sarah Vowell no livro *The Partly Cloudly Patriot*

META-APRENDIZAGEM

15.

Aprendendo a Aprender



Certa vez eu conduzi uma imersão de liderança para cinco aprendizes autodirigidos com idades entre 18 e 21 anos. Aluguei um apartamento para eles na agitada cidade de Ashland, no Oregon, ajudei-os a criar um conjunto claro de objetivos de aprendizagem para a imersão e orientei o trabalho rumo ao alcance desses objetivos utilizando as abordagens descritas neste livro.

Um deles queria aprender sobre biologia e kendo; outra queria aprimorar suas habilidades de fotografia e *web design*. Eu disse para eles então irem entrevistar biólogos, instrutores de artes marciais, fotógrafos e designers. Meus alunos se apresentaram corajosamente para completos estranhos, engajaram-se em atividades de aprendizado online e offline e contaram sobre seus sucessos e fracassos em seus blogs, várias vezes.

Assim eram os dias de semana. Nos finais de semana, eu os fazia viver aventuras selvagens a fim de que eles construíssem seu senso de autonomia por vias, digamos, não convencionais.

No “Fim de Semana de Rua”, eles caminharam nos trilhos de um trem (num momento em que não havia trens circulando) até chegarem ao reservatório de água da cidade e acamparam sob uma lona e com cobertas finas, uma lição a respeito da importância de se manter firme numa situação difícil – como não ter uma casa para brigar você à noite.

No “Fim de Semana de Viagem”, desafiei grupos de alunos a chegar o mais longe possível da casa onde estavam e depois retornar, tudo em 48 horas e com apenas 50 dólares no bolso. Eu mostrei a eles como usar os sites *Craigslist* (para encontrar caronas) e *Couchsurfing* (para encontrar hospedagem solidária), apresentei alguns protocolos básicos de segurança e, então, cada grupo tomou seu caminho. Um dos times conseguiu chegar até São Francisco, uma viagem de ida e volta de mais de 1.100 quilômetros.

No “Fim de Semana Empreendedor”, os alunos tentaram ganhar o máximo de dinheiro possível partindo de um capital inicial de apenas 5 dólares. No “Fim de Semana do Clipe”, eles trocaram um primeiro objeto de pouquíssimo valor (um clipe de papel) por outro de maior valor (um conjunto de tacos de golf), usando somente sua perspicácia.

No último fim de semana, de surpresa eu dei a eles passagens de trem só de ida com destino a Portland, uma lista de tarefas com atividades retiradas de imersões anteriores e um desafio de comer, dormir e retornar quatro dias depois com um orçamento de apenas 80 dólares para cada um (meu parceiro na coordenação do programa, Cameron, também embarcou no trem, acompanhando o grupo disfarçado com um bigode falso, só por precaução). Alerta de spoiler: eles conseguiram!



Andando pelas desgastadas ruas de Portland, no Estado do Oregon (Foto: Trevor Parker)

Quando a imersão terminou, todos foram para casa felizes – e eu fiquei um bom tempo me perguntando o que me motivou a criar esse programa.

Minha imersão de liderança reunia algumas das atividades mais interessantes e divertidas que colecionei ao longo dos anos entre acampamentos de verão inovadores, empreendedores do Vale do Silício, viajantes globais e educadores ao ar livre. Eu não tinha pensado em como elas se combinavam juntas antes de criar o programa, mas teria de haver um fio condutor. A pergunta era: qual?

Um trecho de um dos posts de Seth Godin em

seu blog finalmente me deu a resposta:

“Uma organização que se enche de pessoas honestas, éticas, motivadas, conectadas, inquietas, determinadas e dispostas a experimentar e aprender sempre derrotará aquela que só tem talento. Sempre.”

O mundo está cheio de lugares que tentam ensinar talentos e habilidades, a escola e a faculdade sendo os dois mais proeminentes. Mas o mundo tem bem menos locais onde se tenta ensinar honestidade, motivação, ética e as outras características que Godin descreve.

E o curioso é que, para muitas empresas e organizações, esses elementos importam mais do que o talento. Pessoas são contratadas por suas habilidades profissionais e demitidas por suas características pessoais.

Foi então que eu percebi que o que estávamos ensinando na imersão de liderança era o que os educadores chamam de meta-aprendizagem: as competências pessoais que ajudam você a aprender de maneira efetiva em ambientes complexos e imprevisíveis.

Na imersão não estávamos esperando que as pessoas de fato aprendessem a dormir debaixo de uma lona, encontrar caronas ou que elas soubessem mais sobre biologia ou kendo: o que esperávamos era que elas construíssem engenhosidade, criatividade, autorregulação,

automotivação, consciência e foco. Queríamos que elas aprendessem a cumprimentar um estranho, refletir a respeito de uma derrota e superá-la, elaborar e apresentar um argumento de maneira consistente e contar boas histórias. A meta-aprendizagem era o fio condutor que entrelaçava minhas principais experiências educativas, e eu estava tentando repassar isso para outras pessoas.

Os melhores professores, mentores e escolas não se contentam em despejar informação na sua cabeça; eles ensinam as habilidades de meta-aprendizagem necessárias para que você aprenda a aprender. Para encontrá-los, procure alguém que o ensine a:

- Dar e receber feedback;
- Falar em público;
- Contar boas histórias;
- Escrever algo que as pessoas realmente terão vontade de ler;
- Liderar um grupo;
- Ser conduzido num grupo;
- Fazer filmes, sites ou fotos decentes;
- Viver com pouco;
- Detectar falácias lógicas num argumento;
- Conhecer e conversar com qualquer pessoa;
- Fixar um objetivo e seguir firme para alcançá-lo.

Busque os professores, mestres e mentores na vida que, em vez de simplesmente lhe dar o peixe, prefiram ensiná-lo a pescar.

16.

A Aula de Dança



“Blake, encoste no meu peito!”

A professora argentina falou com autoridade, e eu a obedeci sem pestanejar. Ela devia ter uns 50 anos.

Coloquei as palmas das mãos em suas clavículas. Enquanto ela andava para frente, senti a tensão nos meus braços e andei para trás, combinando cada passo meu com os dela.

No que ela parou, parei também. Quando ela girou seu tronco ou pesou mais um ou outro pé, eu a acompanhei.

Era 2008 e eu, com 26 anos, estava liderando minha primeira viagem do Unschool Adventures para a Argentina. Aparentemente, Alicia Pons estava ensinando meu grupo de jovens a dançar tango, me usando por um breve momento para demonstrar a arte de ser conduzido (no tango os pares são compostos sempre por um líder e um seguidor). No entanto, estava claro que algo mais do que tango estava acontecendo ali.

“Como um líder, você precisa transmitir sinais claros”, Alicia nos instruiu. “Você deve saber o que quer e então se mover decisivamente. Se não fizer isso, seu par não saberá como responder”.

Houve uma hora em que eu achei que estava numa sessão de terapia de casal.

“Se você não sabe o que quer, então pare de se mover. Apenas acerte o peso em seus pés durante alguns instantes. Está tudo certo.” Alicia balançava para trás e para frente de forma quase imperceptível; eu sentia os movimentos no seu peito e movia meu corpo para acompanhá-la.

Agora estávamos numa sessão de coaching de vida.

“Nos velhos tempos do tango argentino”, ela continuou, “toda pessoa precisava aprender a ser conduzida e a escutar profundamente antes de se tornar líder, antes de arcar com tanta responsabilidade. Hoje temos muitos líderes ruins porque eles nunca seguiram a liderança de alguém antes”.

Agora, parecia uma aula sobre comunicação (e sobre teoria política também).

Ela se soltou de mim e entrou no meio do pequeno estúdio de dança. “Não importa se você está liderando ou sendo conduzido, você deve sempre andar com confiança. Levante seus braços acima da cabeça e respire fundo. Depois desça os braços, mas mantenha seu peito na mesma posição. Sinta sua coluna se alongar. Perceba sua nova estatura. Dessa forma é que você conseguirá se conectar com seu par no tango. Esteja atento ao seu caminhar onde quer que esteja.”

Alicia havia acabado de sintetizar os princípios básicos da linguagem corporal.

“Numa *milonga* (um baile de tango), é comum dançar quatro músicas com seu par. Se você começa a dançar com alguém, você está se comprometendo a dançar quatro músicas. É deselegante parar antes, mas você sempre pode dizer não. Se seu par for desrespeitoso com você, saia imediatamente”.

Por último, um baita aprendizado sobre consentimento.

Por duas semanas em Buenos Aires, Alicia ensinou muito mais ao meu grupo do que somente tango – ela nos ensinou a como nos mover com graça, intensidade e confiança ao mesmo tempo em que permanecemos humildes, sensíveis e abertos aos feedbacks do outro. Por ter dançado, competido e ensinado ao redor do mundo, Alicia tinha um incrível repertório de movimentos para nos mostrar, mas ela se focou somente em uma lição: comunicação.

...

Aprendizes autodirigidos precisam se comunicar com confiança e clareza com outros seres humanos, não apenas com telas de computador. Precisamos defender nossos caminhos não tradicionais de aprendizagem frente aos nossos pais, chefes ou em entrevistas para ingressar em universidades e trabalhos novos. Precisamos trabalhar de

forma colaborativa com nossas equipes e demais parceiros de projetos. Precisamos saber fazer boas perguntas, pedir ajuda e manter a firmeza perante os outros.

Mas nenhuma dessas habilidades de comunicação é fácil ou automática, e algumas delas podem ser bastante assustadoras.

O que descobri em Buenos Aires é que qualquer tipo de dança de pares é, na verdade, uma grande lição de comunicação que ensina um conjunto de habilidades interpessoais que você nunca conseguiria aprender a partir de um livro, sala de aula ou site.

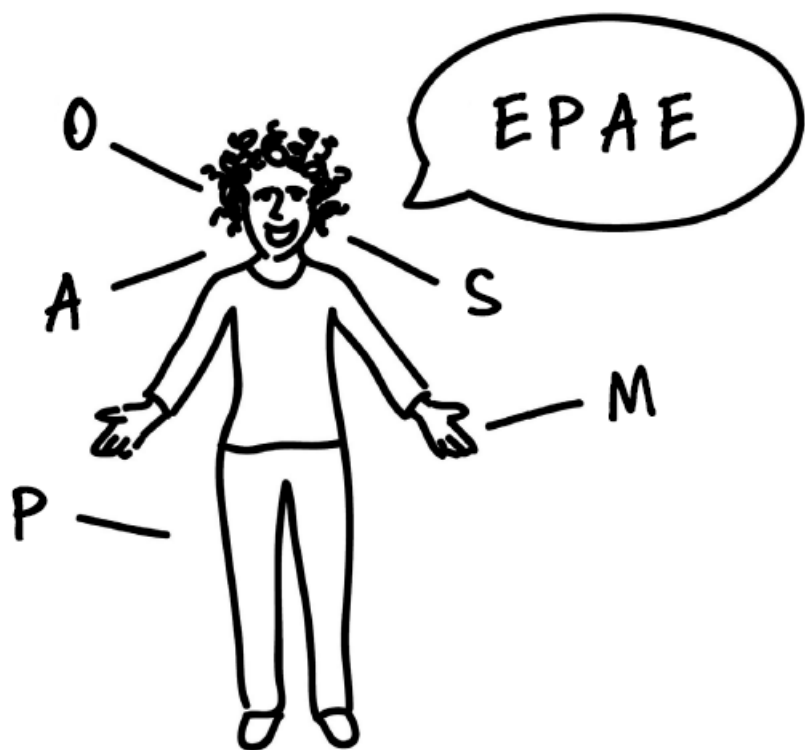
No meu caso, a aprendizagem ocorreu pelo tango, mas tenho amigos que chegaram aos mesmos insights por meio do swing e do blues.

Faça a si mesmo um favor e dê um Google em aulas de dança como essas no seu bairro. Não deixe para depois. Tango, swing, blues, dança de salão... o tipo de dança não importa, desde que envolva improvisação e não apenas passos coreografados. Vá sozinho ou acompanhado, o que deixar você mais confortável. Participe de algumas aulas e teste diferentes professores. Você saberá quando encontrar o professor certo, porque de repente você não estará mais aprendendo somente a dançar. Por meio da dança, você aprenderá a encarar a vida com mais atitude.

**Aprenda a dançar, e dance para aprender.
A comunicação é sempre o fator-chave.**

17.

Sensualidade Indescritível



Quando me chamam para participar de conferências com jovens desescolarizados, minha oficina para adolescentes mais popular se chama “Sensualidade Indescritível”: um curso intensivo sobre como conversar com estranhos.

Ok, já sei o que você está pensando. “Esse pessoal que não vai à escola é tudo antissocial mesmo.”

Mas eu não faço essa oficina porque adolescentes desescolarizados sejam seres estranhos que não conseguem conversar com ninguém (eles são tão estranhos quanto qualquer adolescente). Eu a criei porque era isso que eu gostaria de ter ouvido quando tinha a idade deles.

A oficina, em poucas linhas, funciona assim.

Você sabia que existem dois tipos de sensualidade? O primeiro tipo é aquela atração relacionada a um padrão de beleza, típica dos modelos e das estrelas de cinema, e meio que você nasce com ela ou não. O segundo tipo tem a ver com um conjunto de ferramentas de linguagem corporal e conversação que qualquer um pode aplicar. Ao utilizá-las, você começa a construir uma sensualidade difícil de pôr em palavras: indescritível.

O primeiro acrônimo da sensualidade indescritível é o PASMO. Ele resume uma série de cinco coisas a se fazer se você quer que alguém tenha uma primeira impressão positiva a seu respeito. Por que a primeira impressão é

importante? Porque, no limite, nós acabamos julgando um livro pela capa. Isso não quer dizer que sejamos superficiais – somos apenas práticos. Você já foi a uma livraria? É claro que julgamos livros pelas suas capas. O mesmo ocorre quando somos apresentados a alguém.

P significa Postura. Cabeça erguida, braços do lado do tronco. Respiração profunda.

A é Amplificar. Você já percebeu o quão longe suas orelhas estão da sua boca, e o quão ainda mais distantes as orelhas das outras pessoas estão da sua boca? Precisamos falar um pouco mais alto do que normalmente achamos ser necessário para sermos escutados. Falar num tom muito baixo e calmo o tempo todo é e-s-t-r-a-n-h-o.

S tem a ver com Sorrir. Tente isso: relaxe totalmente seus músculos faciais e então se olhe no espelho. A maioria de nós vê uma cara franzida, ou pelo menos um rosto não muito convidativo. Nossos rostos não sorriem naturalmente. Quando você conhecer alguém, lembre-se de sorrir não só com a boca, mas também com os olhos (deixe os pés de galinha fazerem seu trabalho).

M significa Mãos. Quando as pessoas estão nervosas, suas mãos as denunciam ficando toda hora em contato com a roupa, debruçadas sobre algum objeto ou escondidas nos bolsos ou nas axilas. Libere suas mãos e simplesmente as

deixe em sua posição natural. Se você for cumprimentar alguém com um aperto de mão, seja firme e delicado, evitando tanto amolecer demais quanto apertar demais.

O é a letra inicial de Olho no Olho. Fazer contato visual é importante, mas de maneira equilibrada: olho no olho demais ou de menos é um problema. Se você sustenta um contato visual por apenas uma fração de segundo, transparecerá nervosismo. Mas se você olhar nos olhos por um tempo muito prolongado – especialmente com uma pessoa que você acabou de conhecer –, você envia uma mensagem igualmente indesejada. Mantenha contato visual com alguém durante três a cinco segundos de cada vez. E, se você está falando para um grupo, olhe um pouco para todos de maneira uniforme em vez de se direcionar apenas a uma pessoa.

Depois de introduzir os participantes da oficina nas cinco recomendações do PASMO, eu peço aos jovens para formarem uma longa fila e digo a eles para começarem a praticar conversando uns com os outros. Depois eu os convido a “desligar” as cinco letras, para que eles sintam claramente a diferença. Por último, peço que eles religuem todas as letras exceto uma e retomem a conversa, de modo que um tente adivinhar qual recomendação o outro não está seguindo (a maioria de nós tem uma ou duas letras nas quais precisa melhorar).

A segunda ferramenta para se obter uma sensualidade indescritível é o EPAE: quatro dicas para quem quer criar boas conversas. Assim é que você sustenta uma interação para além da primeira impressão.

E significa Escuta Reflexiva, um tipo de escuta que costuma ser utilizado por terapeutas. Por meio da escuta reflexiva, você demonstra ao seu interlocutor que está realmente prestando atenção no que ele diz, ao contrário de apenas fingir que está escutando. O exercício começa com os jovens falando pequenas frases uns para os outros e depois as repetindo palavra por palavra. Em seguida, eles fazem novamente a atividade, trocando apenas uma ou duas palavras-chave das frases que ouviram. As novas palavras precisam ter um significado semelhante às que foram substituídas. Por exemplo, se alguém diz “tive um dia ruim”, você pode espelhá-la dizendo “você teve um dia péssimo”, mas não “você teve uma semana péssima”. Finalmente, os adolescentes encadeiam múltiplas frases a partir da escuta reflexiva criando uma miniconversa capaz de explicitar que eles estão realmente se escutando.

P é igual a Perguntas Abertas. Utilizar somente a escuta reflexiva não te leva muito longe numa conversa. Para manter pessoas conversando (ou apontar uma nova direção para a conversa), faça uma pergunta aberta, que possibilite várias respostas. Algumas questões abertas que você pode usar são, por exemplo, “O que faz você querer

continuar trabalhando com jovens desescolarizados?” ou “Por que você gosta tanto de vídeos de gatos na internet?”

A significa Afirmações Pessoais. Até agora, nossas táticas de conversa miraram apenas na outra pessoa. Mas falar o que você pensa e no que acredita também é importante. Continuando a partir da pergunta anterior, talvez você possa acrescentar algo assim: “Eu acho que vídeos de gatos são meio ridículos e um desperdício de espaço na internet”. E então eu diria “Discordo de você”, já adicionando uma pergunta aberta: “Que tipo de vídeos ridículos de animais você prefere?”

E tem a ver com Experiências, um lembrete de que as melhores conversas terminam com experiências concretas – isto é, fazer coisas – em vez de apenas falar sobre elas. “Que tal então irmos assistir esse filme?” ou “E se a gente fizesse nosso próprio vídeo de gato?”. Se você gosta da pessoa com quem está conversando, não tenha medo de realmente fazer algo com ela em vez de ficar só falando para sempre.

Para ter uma ótima conversa com qualquer pessoa do mundo, tudo que você precisa é viver o PASMO e o EPAE na prática.

18.

Prática Deliberada



Armados com uma internet de alta velocidade, aprendizes autodirigidos podem hoje aprender sobre basicamente qualquer assunto existente. Dessa forma, dá para aprender um pouco sobre inúmeras coisas. Mas e se uma pessoa quiser se tornar um especialista em algum assunto ou habilidade? Será que ela consegue fazer isso por conta própria ou será que precisa de algo mais?

Um experimento fascinante realizado em 1991 pelo psicólogo e pesquisador K. Anders Ericsson, que estuda a aquisição de habilidades profundas, pode nos ajudar a responder a essas perguntas.

Para realizar o experimento, Ericsson levou sua equipe de pesquisa até a Academia de Música de Berlim, famosa por produzir violinistas reconhecidos mundialmente, e pediu aos professores para separar seus alunos em três categorias:

- 1.Os melhores violinistas (aqueles com potencial de se tornarem solistas internacionais);
- 2.Bons violinistas (aqueles com chances de conseguir vagas em orquestras de renome);
- 3.Violinistas medianos (aqueles que provavelmente se tornarão professores de música).

A equipe de Ericsson então entrevistou os alunos a respeito de suas carreiras musicais, perguntando a eles quando começaram a tocar, quantas horas por semana eles

praticavam, e como especificamente eles configuravam suas rotinas de aprendizagem.

À primeira vista, os dados revelaram semelhanças surpreendentes. Alunos dos três grupos estavam estudando violino por pelo menos uma década, e cada um despendia aproximadamente 51 horas semanais de exercícios, prática solo e aulas na academia de música. Se os pesquisadores olhassem apenas para esses números, seria impossível prever quem seriam os melhores violinistas.

Mas à medida que os pesquisadores se aprofundavam mais nas entrevistas, uma perspectiva interessante emergiu. Eles descobriram que os melhores violinistas faziam um tipo de treinamento totalmente diferente dos outros, um tipo de prática que não era divertida nem tranquila, e sim difícil, desafiadora e incômoda. Ericsson começou a chamar esse tipo específico de treinamento de *prática deliberada*.

A equipe de Ericsson também descobriu que, ao passo que todos os violinistas estudavam durante mais ou menos o mesmo tempo na academia de música, os melhores acumularam significativamente mais tempo de prática deliberada mais cedo em suas vidas. Com 18 anos, os melhores violinistas já haviam acumulado uma média de 7.410 horas de prática deliberada; o segundo grupo, 5.301 horas; e o terceiro, 3.420.

Acumular muitas horas de prática deliberada parecia ser, então, o caminho para se alcançar a maestria.

Conforme outros pesquisadores começaram a estudar a prática deliberada, eles descobriram que ela não se aplicava somente à música, mas também ao xadrez, esportes, ciência, negócios e praticamente qualquer outra habilidade tangível e passível de ser medida.

As diferenças entre a prática deliberada (PD) e um treinamento normal são:

- A PD requer que você saiba exatamente o que você quer alcançar. Por exemplo, “eu quero tocar esse riff da minha música preferida” e não “eu quero tocar guitarra melhor”.
- A PD é desenhada para proporcionar sempre saltos equilibrados de performance. O treino pode ser dividido em várias pequenas partes – nem tão difíceis, nem tão fáceis – que se ajustam exatamente ao seu nível atual.
- A PD é sempre uma atividade passível de repetição. Assim, você pode trabalhar em cada pequena parte várias vezes até ser capaz de executar tudo com perfeição.
- Durante a PD, sempre é possível obter feedback. Alguém com mais conhecimento na área monitora seu progresso e pode dizer como você está evoluindo.
- A PD é mentalmente demandante. Ninguém pode realizá-la por mais do que quatro ou cinco horas por dia.

- Quando você está num treino de PD, a atividade não costuma ser muito divertida. Ao contrário, costuma ser extenuante e dolorosa.

A aprendizagem autodirigida geralmente começa com muitos estudos exploratórios individuais: ler livros, estudar no computador ou observar atentamente algo, por exemplo. Essas abordagens funcionam bem para se construir habilidades num nível superficial. Mas, quando um aprendiz autodirigido está pronto para mergulhar mais fundo e começar a desenvolver maestria numa área, ele deve buscar alguém com bastante dedicação e experiência, que o ajude a criar um ambiente de prática deliberada.

A prática deliberada é o coração do que as melhores escolas e faculdades e os melhores treinadores e programas de desenvolvimento oferecem. Por exemplo: por que o programa de tutoria da Universidade de Oxford, no qual os estudantes se reúnem com professores diretamente em grupos de apenas dois ou três alunos, é considerado um dos melhores? Porque o grau de intimidade e a alta disponibilidade de feedback nos grupos abre espaço para que a prática deliberada ocorra.

Por que, em plena era digital, praticamente todos nós ainda reconhecemos o valor de um velho estágio de carpintaria? Porque sabemos que o treinamento repetitivo, mão na massa e com a orientação de alguém mais experiente é um método perene para quem deseja

desenvolver uma habilidade.

Por que, nos tempos em que participava do acampamento Deer Crossing, eu vestia uma roupa de mergulho voluntariamente e pulava num lago congelante na montanha para fazer aulas de windsurfe? Porque eu adorava a aprendizagem rápida que resultava das técnicas baseadas na prática deliberada adotadas pelo acampamento (e é por isso também que eu voltei lá para me tornar um instrutor de windsurfe).

Aprendizes autodirigidos (como todo mundo) tendem a evitar a prática deliberada num primeiro momento porque ela é difícil, assustadora e consome muito tempo. Mas, uma vez que você tenha provado os frutos do processo – o domínio profundo de algo –, você começa a valorizá-la. Qualquer aprendiz autodirigido que abraça e intencionalmente busque a prática deliberada torna-se uma verdadeira usina de aprendizagem.

Ao procurar por experiências de prática deliberada, não tenha medo de começar nos espaços educacionais mais tradicionais e estruturados. Frequentemente, quando um dojo de artes marciais, um estúdio de dança ou um centro de pós-graduação têm uma boa reputação, é porque eles sabem como promover a prática deliberada.

Para aqueles que não dispõem de tempo, dinheiro ou

disposição para ingressar numa organização formal, outra forma de se lançar na prática deliberada é contratar diretamente um professor freelancer, tutor, mentor ou treinador que possa lhe proporcionar essa experiência. É possível encontrar alguém por meio da internet, contatando alguma instituição local relacionada à área em que você quer se desenvolver ou vá pelas indicações de amigos.

Não importa onde você esteja buscando, tenha em mente o excelente conselho do pesquisador e escritor Daniel Coyle:

“Evite pessoas que se pareçam com garçons muito gentis. Pessoas que querem deixar você confortável, feliz e tranquilo a todo momento podem até ser ótimos garçons num restaurante, mas são péssimos treinadores de prática deliberada.

Busque alguém que assuste um pouco, alguém que o acompanhe de perto, alguém que prefira ir logo para a ação em vez de ficar só conversando e que dê feedbacks sinceros, ainda que angustiantes.

Busque alguém que dê direcionamentos claros e diretos. Evite sermões e palestras – procure apenas por orientações curtas e inequívocas que o ajudem a alcançar uma meta.

Busque alguém que sinta prazer em ensinar os fundamentos básicos. Alguém que não se importe em gastar uma sessão inteira focando em um pequeno detalhe.

Se todos os outros parâmetros estiverem iguais, prefira a pessoa mais velha. Ensinar é como qualquer outro talento: leva tempo para florescer.”

Para evoluir suas habilidades e adquirir maestria, encontre as pessoas e lugares que o levarão mais longe do que você jamais conseguiria sozinho.

GANHOS AUTODIRIGIDOS

19.

Limpando Cocô para Chegar Lá



Um dos meus objetivos de mais longo prazo é começar meu próprio acampamento de verão, minha própria escola alternativa ou alguma outra iniciativa capaz de fazer uma diferença grande e duradoura na vida de jovens adultos.

É um sonho intimidador que me demandará grandes doses de dedicação, compromisso, dinheiro e, claro, aprendizagem autodirigida da minha parte.

Por sorte, tenho dois modelos de referência incríveis que me inspiram: Grace Llewellyn, a fundadora do Acampamento de Quem Não Volta à Escola, e Jim Wiltens, fundador do acampamento Deer Crossing.

Ao longo da minha terceira década de vida, tendo trabalhado em ambos os acampamentos, indaguei Grace e Jim incessantemente a respeito de como eles transformaram seus sonhos em realidade. Adoro as duas histórias, mas apenas a de Grace havia sido documentada até então – no início de seu maravilhoso e atemporal livro *The Teenage Liberation Handbook*.

A história de Jim se mostrou mais imprecisa e difícil de narrar, mas eu consegui fazê-la emergir entrevistando-o durante nossas viagens de mochilão com jovens em High Sierra na Califórnia, em sua casa no Vale do Silício e quando andamos de mula juntos na selva da Guatemala (com macacos pulando nas árvores acima de nossas

cabeças), durante uma expedição de escalada de árvores pelas ruínas.

O que descobri não foi apenas uma história relevante para entusiastas de acampamentos como eu, mas também para qualquer aprendiz autodirigido com um sonho que dependa de muito trabalho frustrante, desafiador e às vezes sujo para ser concretizado.

...

Quando Jim Wiltens tinha 14 anos, sua mãe disse a ele que, se ele quisesse entrar na faculdade, ele teria que trabalhar e juntar dinheiro para pagá-la. Sendo um ávido nadador e jogador de polo aquático, Jim decidiu começar uma escola de natação usando a piscina de seu quintal, dando aulas gratuitas para as crianças da vizinhança até que se tornasse conhecido o bastante para cobrar pelo serviço. No fim ele acabou não precisando usar o dinheiro que juntou porque lhe ofereceram uma bolsa de estudos para atletas que custeou seus cursos de biologia e botânica.

Ao concluir seus estudos de pós-graduação, Jim se deu conta de que o que ele gostava mesmo era de trabalhar para si próprio, ser treinador esportivo e estar em contato com a natureza. Quando sua mãe propôs a ideia de a família investir na criação de um acampamento de verão para crianças, ele prontamente disse sim.

A família de Jim fez a primeira tentativa no Havaí, onde eles encontraram uma antiga plantação de bananas que parecia um belo local para um acampamento. No entanto, depois de um ano de muita burocracia e dificuldades políticas na ilha, eles desistiram de ficar por lá. Voltaram para a Califórnia, e Jim se mudou para uma tenda no quintal da casa de seus pais para economizar dinheiro, e a busca continuou.

A sorte bateu de novo quando eles encontraram uma fazenda de 16 hectares no extremo norte da Califórnia, que parecia ser uma possibilidade real para o que eles queriam fazer. A fim de morar mais perto da propriedade, Jim aproveitou sua poupança universitária intacta para comprar uma pequena casa na cidade de Redding, próxima à fazenda, e também arranhou um trabalho num hotel de frente para o lago, para continuar juntando dinheiro.

Sua primeira tarefa no hotel? Tirar cocô das casas flutuantes do lago.

A maior parte das pessoas com dois diplomas universitários teria pensado que um trabalho assim não era para ser feito por eles. Mas Jim não, porque seus pais haviam criado-o para entender todo tipo de trabalho como uma oportunidade para desenvolver sua perseverança, ética e foco. Ele aprendeu a sempre trabalhar para si – até mesmo quando fosse um empregado, e até mesmo quando

o trabalho fosse desagradável. “Se é para limpar cocô”, Jim disse a si mesmo, “então que eu seja o melhor limpador de cocô do mundo”.

Mas mesmo limpadores de cocô bem-intencionados às vezes não têm sossego na vida.

A família de Jim estava perto de conseguir os alvarás de funcionamento de que precisavam quando eles descobriram que certos “fazendeiros” da região (leia-se produtores de maconha) não gostaram de ter representantes da secretaria de saúde entrando em seu território. Falsos rumores de que o novo acampamento seria voltado para jovens delinquentes se espalharam. Durante a reunião do comitê de planejamento, os participantes, aos berros, manifestaram seu repúdio à permanência de Jim e sua família na região.

Não preciso nem dizer que os alvarás não saíram.

Triste por esse passo atrás, Jim vendeu sua casa em Redding, mudou-se de volta para a baía de São Francisco e começou a trabalhar como um técnico de purificação de água, aproveitando-se de sua formação científica. Nesse ponto, sua família chegou bem perto de desistir do sonho de abrir o acampamento, mas mesmo assim Jim continuou guardando dinheiro.

Um corretor de imóveis que sabia da busca da família continuava ligando insistentemente para a mãe de Jim, mencionando um antigo acampamento de escoteiros perto do lago Tahoe. Muito cética, mas curiosa, a família decidiu ir ver o local.

O que eles encontraram foi um velho chalé com as janelas quebradas de frente para o lago que havia sido abandonado pelo movimento escoteiro devido à extrema dificuldade de operação. Com a luz hesitante de sua lanterna, Jim achou uma centena de colchões antigos de acampamento que tinham sido reivindicados por um exército de ratos, que os aproveitaram para construir seus ninhos do chão até o teto. Coisas sombrias saíam correndo de um lado para o outro entre as pilhas de colchão. No que Jim se precipitou enfiando uma pá debaixo da primeira pilha, um rato subitamente escalou o cabo e pulou nas costas dele. Como uma miniestrela de rodeio, o rato segurou firme enquanto Jim se sacudia e rodopiava, aflito.

Se por um lado o acampamento em si era um total desastre, os vizinhos mais próximos (e eventuais “fazendeiros”) estavam a 27 quilômetros de distância. O sistema de bombeamento e purificação de água congelava todo inverno, mas a experiência de Jim com construções subaquáticas (outra de suas tarefas no hotel onde ele tirava cocô) e tratamento de água resolvia essa questão. O serviço florestal estava aberto à possibilidade de utilização daquela área como

um novo acampamento para crianças – o fato é que ninguém ainda havia tido a coragem (ou a burrice) de tentar.

A família de Jim, então, comprou a propriedade.

E assim teve início o ritual de fim de semana da família, que consistia em juntar todos numa van, dirigir por quatro horas e caminhar até o acampamento já de noite. Ensinando uns aos outros noções de encanamento e carpintaria, a família de Jim desentranhou e reconstruiu o chalé sob a luz de lanternas. No meio de uma forte tempestade, eles subiram em longas escadas para instalar placas gigantes nas janelas antes que o chalé fosse coberto pela neve. Toda segunda eles retornavam para seus trabalhos em São Francisco, exaustos, mas felizes.

Dois anos depois, o momento que todos esperavam chegou. A família toda se reuniu e, com um dedo, Jim apertou o botão da descarga. Funcionou. Isso significava que todos os sistemas finalmente estavam em plena atividade: a parte elétrica, as bombas de água e o encanamento. Eles fizeram até uma dança da vitória no banheiro. No verão seguinte, o acampamento Deer Crossing nasceu.

...

Jim Wiltens me ensinou que, se você tem um grande sonho para o qual ainda não existe um caminho mapeado,

you will need self-directed learning.

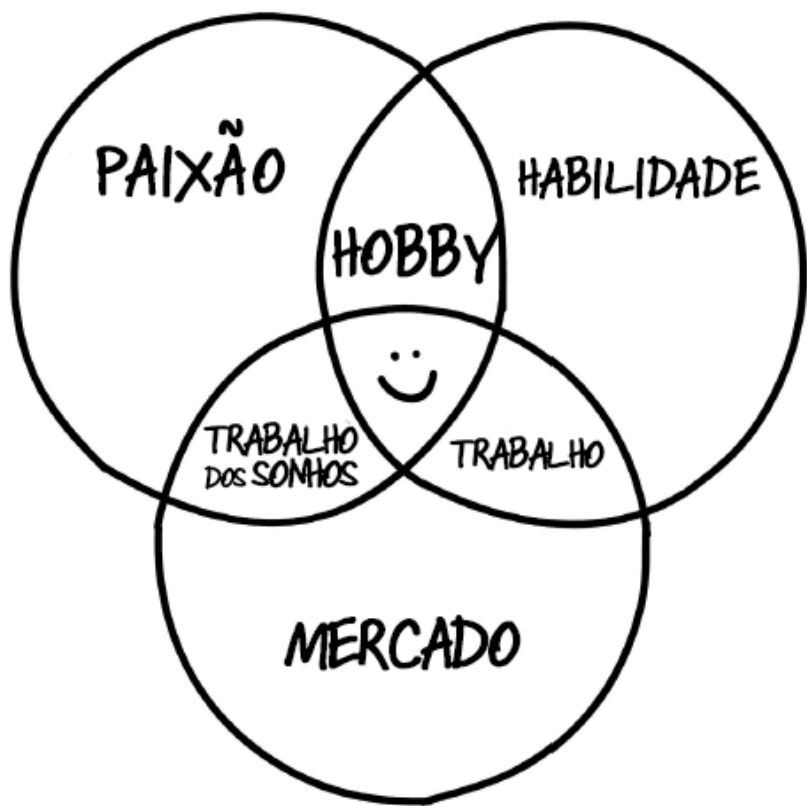
You will face adversity as you go in search of your dream. You will run into dead ends. And, sometimes, you will need to clean up (metaphorically, I hope) to make it happen.

But while you are working for you and using every opportunity as a path to move forward in your dream, the adversity and the dead ends will be manageable.

Embrace the adversity, do the hard work when necessary and always work for you.

20.

Paixão, Habilidade, Mercado



Carsie Blanton cresceu na zona rural do Estado da Virgínia, onde ela podia brincar nas colinas verdes e onduladas, caçar salamandras, ler livros e explorar livremente instrumentos musicais. Por ela se mostrar sempre uma criança alegre e engajada, os pais de Carsie decidiram não a matricular numa escola. Eles cuidaram para que ela buscasse seus próprios interesses e tivesse voz nas conversas adultas da casa, além de darem a ela grandes quantidades de tempo sem perturbá-la para ela poder fazer suas coisas.

Aos 13 anos, Carsie se descobriu apaixonada por tocar violão e compor músicas. Com 16, ela se mudou para o Oregon para viver numa república com outros artistas, e lá ela conheceu uma banda de funk que a convidou para fazer segunda voz e sair em turnê pelos Estados Unidos. Durante as viagens, ela começou a criar e lapidar cada vez mais suas composições próprias.

Após completar 20 anos, Carsie gravou e lançou alguns discos de forma independente, o que a levou a tocar em novos palcos e a pequenas grandes conquistas (como abrir o show do Paul Simon). Ela trabalhava em cafeterias antes dos shows para pagar as contas, mas depois de um tempo as vendas de discos começaram a lhe render algum dinheiro.

Em vez de entrar numa faculdade, Carsie estudou com os melhores músicos, fez amizades com pessoas interessantes

que conheceu na estrada e manteve seu antigo hábito de ler muitos livros difíceis. Ela também se apaixonou por dançar swing e fazia aulas da dança sempre que possível, até que começou a oferecer suas próprias aulas.

Com 28 anos, Carsie criou uma campanha de financiamento coletivo no Kickstarter com o objetivo de levantar 29.000 dólares para produzir um novo disco de jazz. Como contrapartidas para os apoiadores, ela ofereceu reservas antecipadas do disco, composição musical personalizada e várias outras recompensas interessantes.

Ela conseguiu alcançar a meta e mesmo assim continuou a todo vapor com a campanha, o que a fez chegar ao valor de 60.000 dólares, suficiente não apenas para gravar o álbum, mas também para remunerar alguns dos melhores músicos de jazz para contribuir no disco, contratar uma equipe de comunicação e sair com toda a banda em turnê pelos Estados Unidos.

...

Criar uma campanha de financiamento coletivo é basicamente como começar um negócio num intervalo de tempo extremamente curto: você precisa desenvolver um produto, criar uma narrativa interessante, atrair um público, e então entregar tudo que prometeu. Assim como a maioria das startups, a maioria das campanhas de

financiamento coletivo falham. Mas Carsie, uma jovem mulher desescolarizada que não teve qualquer tipo de estudo formal, conseguiu na primeira tentativa. Como?

Tendo viajado, se apresentado e dançado pelos quatro cantos dos Estados Unidos, Carsie havia construído uma impressionante rede de contatos, um elemento muito importante para o sucesso de campanhas de financiamento. Mas eu não acredito que esse tenha sido o principal fator.

Carsie planejou cuidadosamente sua campanha, estudou financiamentos realizados por outros músicos, e colheu muitos feedbacks antes de lançar sua página. Fazer todas essas coisas certamente contribuiu, mas continuo achando que isso não explica tudo.

O que percebo é que Carsie, desde os primeiros anos de sua vida, recebeu uma educação que a fez muito boa em aplicar a aprendizagem autodirigida em favor das necessidades dos outros.

Com tudo isso que estamos falando sobre aprendizagem autodirigida, é fácil achar que devemos focar nossa educação somente em nós mesmos. Mas pessoas que, como Carsie, desejam transformar seus hobbies num meio de vida sabem que focar apenas em si mesmas é o caminho mais curto para a falência. Em vez disso, precisamos

descobrir como usar as coisas que amamos para informar, entreter, educar ou ajudar outras pessoas.

Tina Seelig, da Escola de Design da Universidade de Stanford, explica muito bem essa ideia a partir da tríade paixão, habilidade e mercado.

- Se você é apaixonado por alguma atividade, mas não tem habilidade para realizá-la, então você é um fã (pense, por exemplo, em alguém superempolgado que esteja começando a aprender violão).
- Se você é apaixonado por algo e já desenvolveu uma habilidade, então o que você tem é um hobby (imagine alguém que saiba tocar bem violão).
- Se você desenvolveu habilidade para realizar algo, se há um mercado para isso que você faz, mas você não tem nenhum prazer em fazê-lo, então você tem um emprego (pense num guitarrista que toca profissionalmente, mas que perdeu a vontade de tocar há muito tempo).

Ao combinar os três elementos – paixão, habilidades e mercado –, você chega num terreno sagrado: um trabalho significativo que também paga as contas (pense numa musicista, como Carsey, que adora estar no palco e que consegue viver disso).

Aprendizes autodirigidos geralmente são muito bons em identificar suas paixões. Quando necessário, eles também sabem como desenvolver habilidades. Mas encontrar (ou

criar) um mercado? Essa é a parte difícil, porque significa que eles precisam parar de pensar somente neles mesmos e começar a tentar compreender outras pessoas.

Compreender as necessidades de outras pessoas, penso eu, é exatamente o que Carsie estava fazendo em sua juventude cheia de aventuras.

Tocar em shows? Um exercício de descoberta dos gostos das pessoas.

Trabalhar em cafeterias? Um exercício sobre como se mostrar útil para seu empregador.

Dar aulas de dança? Um exercício de ensinar as pessoas a aprender algo complexo.

Ao prestar atenção às necessidades dos outros ao mesmo tempo em que construía suas habilidades e aprofundava suas paixões, Carsie criou um caminho de educação autogerida que não era somente sobre si. Dessa forma, quando chegou a hora de lançar sua campanha de financiamento coletivo, ela não cometeu o erro básico de não olhar para os lados. Ao contrário, ela criou algo que as pessoas realmente queriam.

Faça o que você ama, mas também se atente para as necessidades dos outros – é assim que a aprendizagem autogerida pode se converter em ganhos autogeridos.

...

“Viver uma vida sem escola não é uma escolha fácil. É muito parecido com alguém que trabalha para si mesmo. É uma ótima forma de se viver, mas não é para todo mundo. Quando aprender de maneira autodirigida fica difícil, alguns jovens se sentem como adultos que se perguntam, ‘Será que eu posso ter meu emprego de 40 horas por semana de volta?’”

Ken Danford, cofundador da North Star, uma escola de aprendizagem autodirigida para jovens

21.

Riqueza de Tempo



RENDA

-



DESPESAS

=



TEMPO

Um amigo meu chamado Dev Carey, de 50 anos, vive na Costa Oeste do Colorado, próximo à pequena cidade de Paonia. Cercado de sálvias, cedros e uma visão do vale de tirar o fôlego, ele vive numa casa de dois quartos feita de palha que ele e seus amigos construíram por menos de 30.000 dólares.

Com cisternas para captar água da chuva, painéis solares e um banheiro seco, Dev vive quase completamente fora do sistema. Ele não paga contas, nem condomínio, nem aluguel. Ele cozinha sua própria comida, dá uma ajuda para agricultores da vizinhança em troca de uma parcela de suas colheitas e optou por não colocar Seraya, sua filha de 11 anos, na escola. Por já ter trabalhado como professor, Dev – que possui um PhD em ecologia – frequentemente hospeda ex-alunos que estão de passagem pela região.

Quanto dinheiro Dev precisa para sustentar seu estilo de vida? Aproximadamente 15.000 dólares por ano (incluindo plano de saúde e poupança): um montante que ele facilmente obtém por meio de trabalhos pontuais como líder de expedições turísticas, assessorias, dando aulas em escolas privadas de Ensino Médio ou trabalhando junto a órgãos de proteção ambiental.

Dev não é rico no sentido convencional, mas sua vida é incrivelmente rica em termos de *tempo*.

Se a previsão do tempo diz que a próxima semana terá um ótimo clima, ele pode se programar para escalar uma montanha, caminhar pelo Grand Canyon ou explorar lugares como as Canyonlands de Utah. Se ele quiser praticar seu espanhol, pode despencar para o norte do México e visitar a pequena casa num campo de cebola que comprou por 800 dólares. Se ele quiser organizar um acampamento para crianças ou convidar ex-alunos para viajar pedindo carona, ele pode. Quando um amigo liga para Dev pedindo conselhos, ele costuma ficar no telefone por duas horas. E quando um vizinho precisa de ajuda numa grande colheita, ele é o primeiro a se voluntariar.

A vida de Dev respira mais liberdade do que muitas pessoas que ganham bem mais do que ele sequer podem sonhar. Por quê? Porque ele gasta pouco, trabalha intensamente por curtos períodos para pagar suas contas, e então para de trabalhar (por dinheiro, pelo menos) assim que as contas estão pagas.

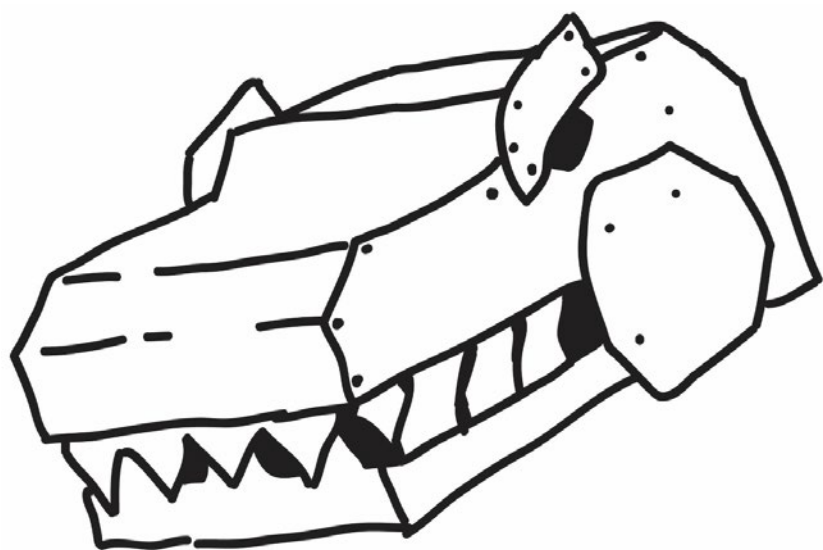
Mais importante do que isso, Dev ponderou cuidadosamente o que é essencial na sua vida e o que não é. Ele sabe que o tempo que ele passa ajudando seus vizinhos, orientando ex-alunos e aprendendo com sua filha são as coisas que realmente importam. Mais trabalho remunerado não possibilitaria que ele comprasse mais experiências desse tipo.

É provável que você não queira viver fora do sistema na Costa Oeste do Colorado como Dev – é compreensível. Mas você poderia sem sombra de dúvidas fazer como ele no que se refere a pensar seriamente no que é mais importante na sua vida, descobrir exatamente quanto isso custa, e então reduzir suas horas de trabalho. Isso permitirá que você crie mais tempo para amigos, família, viagens, novas experiências e, também, para a aprendizagem autodirigida.

Tempo é dinheiro, mas isso não significa que você precisa fazer mais dinheiro para ter mais tempo livre.

22.

Dicas de Carreira de um Robô Dinossauro



Você já conheceu alguma vez um falso robô dinossauro gigante?

Nem eu, até que conheci o Fake Grimlock.

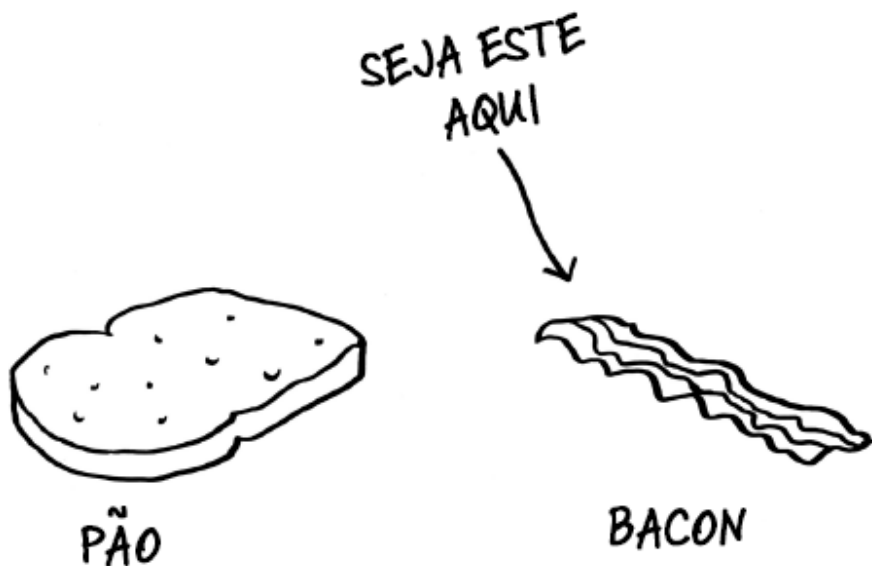
Fake Grimlock é um [perfil do Twitter](#) que oferece pílulas de sabedoria de 140 caracteres – sempre em CAIXA ALTA e sem muitas preocupações gramaticais – para empreendedores de tecnologia e quaisquer outras pessoas que estejam construindo algo do zero.

Alguns exemplos de tweets incluem:

STARTUPS CONSTROEM O FUTURO COM CINZAS DO PRESENTE. O QUE É BOM PARA TODO MUNDO, EXCETO PARA AS CINZAS.

TODOS QUERIAM QUE EXISTISSE UMA POÇÃO MÁGICA PARA SER INCRÍVEL. EXISTE. CHAMA “TRABALHO DURO”.

Grimlock também faz desenhos:



Entre pão e bacon, seja um bacon. Créditos: @FAKEGRIMLOCK via Creative Commons

O mais interessante do Fake Grimlock é que a conta é anônima. Quase ninguém sabe quem escreve os tweets, e mesmo assim o perfil tem mais de 10.000 seguidores.

Como isso aconteceu? Numa das raras entrevistas em que não se passa pelo personagem, seu criador assim se pronunciou:

“Ninguém sabia quem eu era. Não usei nenhum dos meus contatos. Não me promovi por meio de nenhum dos meus amigos. Comecei totalmente do zero meio que

aleatoriamente no Twitter. Eu seguia algumas pessoas e algumas pessoas me seguiam... Até que percebi que havia uma audiência no mundo da tecnologia que eu poderia alcançar... Que eu poderia vir do nada, hackear a forma de se usar uma rede social e me tornar alguém influente na tecnologia. Simplesmente porque as pessoas veriam que o que eu falo faz sentido.”

A história de Grimlock demonstra que, para esculpir sua própria carreira empreendedora, você precisa:

1. Encontrar um grupo de pessoas que você compreenda;
2. Criar algo que essas pessoas achem útil, inspirador ou divertido.

Faça essas duas coisas e as pessoas ficarão satisfeitas em lhe dar dinheiro ou atenção em troca. Essa é a promessa do empreendedorismo.

Mas a história do nosso amigo dinossauro também ilustra um aprendizado ainda mais valioso: criar um produto interessante – desde um artigo, vídeo, sanduíche ou jogo de computador até roupas de bebê, dispositivos eletrônicos ou quaisquer outras coisas – pode não ser o suficiente para se ter sucesso.

Para que haja realmente um diferencial, seu produto precisa que haja uma personalidade por trás dele.

Vejamos como o próprio Fake Grimlock – um exemplo real

disso – explica essa ideia:

AO ESCOLHER PRODUTO, HUMANOS SÓ OLHAM SE FUNCIONA E SE É INTERESSANTE.

MUNDO ESTÁ CHEIO DE COISAS QUE FUNCIONAM. MAIORIA CHATAS.

PERSONALIDADE = GERA INTERESSE. INTERESSE = PESSOA SE IMPORTA. PESSOA SE IMPORTA = ELA FALA SOBRE ISSO.

TODO MUNDO FALA E SE IMPORTA COM SEU PRODUTO? VOCÊ GANHOU.

Grimlock enfatiza que não importa o que você construa, é preciso haver qualidade. “Isso realmente funciona?” continua sendo uma pergunta importante. Mas num mundo onde podemos escolher tantos produtos que funcionam, a próxima pergunta é “Por que alguém deveria se importar com isso?”. Aqui é onde a personalidade entra.

Num sanduíche de bacon, por exemplo, tanto o pão quanto o bacon são importantes para o sanduíche funcionar, mas o bacon representa sua personalidade.

Grimlock diz que, para criar uma personalidade, você precisa responder a três perguntas:

1.COMO VOCÊ MUDA A VIDA DO CLIENTE?

2.O QUE VOCÊ DEFENDE?

3.O QUE OU QUEM VOCÊ ODEIA?

Se você consegue responder a essas três questões – e explicitá-las nos seus produtos – , então as pessoas vão querer comprar o que você está vendendo.

Essas perguntas me fazem lembrar dos meus tempos de faculdade. Se alguém tivesse me perguntado naquele momento por que eu estava estudando astrofísica, eu provavelmente teria respondido que achava as estrelas interessantes, e minha resposta terminaria aí.

A resposta mais verdadeira seria que eu tive boas notas em matemática e ciências no Ensino Médio; ser um astrofísico era um título que soava bem ao ego, e estudar astrofísica simplesmente parecia mais legal que qualquer outra coisa que eu poderia estar fazendo naquele momento.

O “produto” que eu estava criando naquela época – ser especialista em matemática e ciência – não tinha lá muita personalidade. Se eu tivesse continuado nesse caminho, não acho que teria me tornado um cientista muito bem-sucedido.

Por sorte, no meio desse processo de conseguir meu diploma, descobri a educação alternativa e, de repente, eu tinha encontrado minha personalidade.

Como eu pretendia mudar a vida das pessoas? Mostrando

a elas novos e entusiasmantes caminhos educacionais fora da rota tradicional.

O que eu defendia? Que todos nós deveríamos assumir inteira responsabilidade pela nossa educação e pelas nossas vidas.

O que eu odiava? O desperdício de tempo dos mais jovens com a escolarização compulsória, quando existe uma série de outras coisas mais motivadoras, produtivas e divertidas que eles poderiam estar fazendo.

Minha recém-encontrada personalidade tornou minhas próximas escolhas muito claras: sair da graduação em astrofísica, desenhar de forma autônoma meu próprio curso universitário e me envolver em quantos programas de educação alternativa e experiencial fossem possíveis. Essas decisões também fizeram com que pessoas se interessassem pela minha trajetória, me perguntando por que eu tinha abandonado um caminho aparentemente promissor para me juntar à sortida tribo da desescolarização, ou por que eu apoiava o direito à educação desescolarizada mesmo sem compartilhar das crenças religiosas que motivam várias famílias adeptas do *homeschooling*.

Ter uma personalidade por trás do meu produto, creio eu,

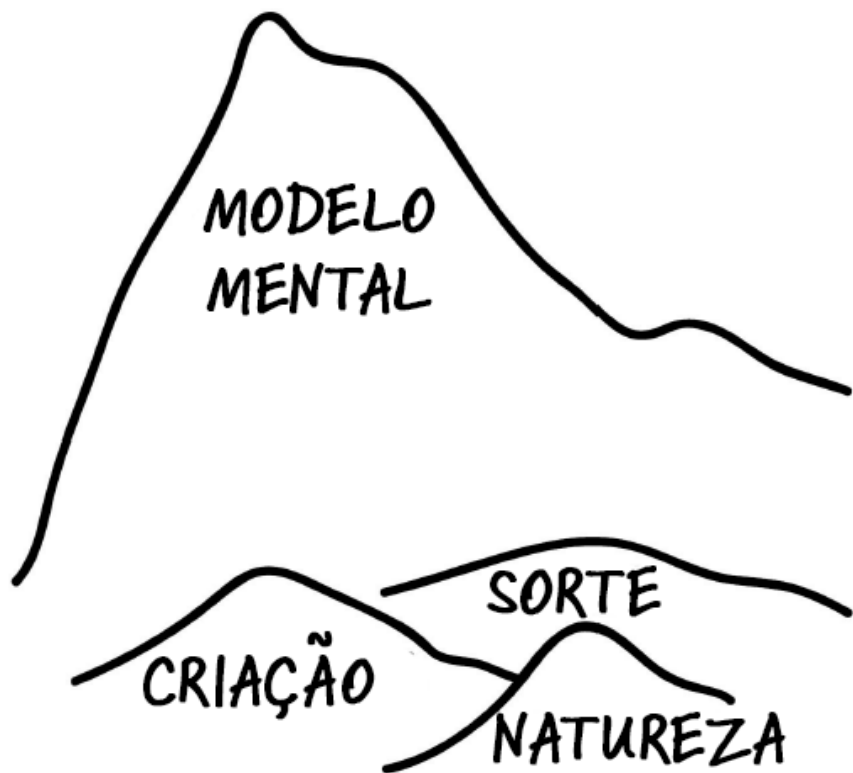
é a verdadeira razão para os modestos sucessos da minha carreira autodirigida até agora: ter meu primeiro livro publicado, ser pago para falar em conferências de educação e iniciar a Unschool Adventures.

Hoje, continuo precisando produzir coisas que as pessoas querem. Ter uma personalidade não suspende as danosas consequências de se ter um produto ruim. E sim, eu criei uma série de artigos medíocres que não consegui publicar e propostas de viagens para jovens que não conseguiram angariar nem o número mínimo de participantes. Mas os tweets de Fake Grimlock me lembram que preciso reavaliar e refinar minha missão, valores e formas de apresentação tão frequentemente quanto criar novos produtos.

Para criar uma carreira autodirigida, crie mais do que um produto: construa uma personalidade.

23.

Como Fazer sua Mente Pegar Fogo



Talvez nossa maior questão não respondida até agora seja: como encontrar a fagulha capaz de fazer pegar fogo a transição da motivação extrínseca para a motivação intrínseca?

De onde vem a inspiração que motiva pessoas como Laura Dekker, Celina Dill, Sean Aiken, Jonah Meyer, Carsie Blanton e outras cujas histórias são contadas neste livro?

Ou então, de maneira mais simples: como você pode fazer sua mente pegar fogo?

A resposta está em algum ponto da interseção entre os seguintes elementos: natureza, criação, sorte e modelo mental.

A partir do que tenho observado, a maioria dos aprendizes autodirigidos possui alguma predisposição genética para pensar de forma independente, reconhecer padrões e resolver problemas de maneira criativa. Se eles escolhem enfrentar os desafios da escola ou da faculdade, conseguem lidar com a carga de trabalho intelectual desses lugares. Eles são, em outras palavras, “brilhantes”. Esse, creio eu, é o fator *natureza*.

Muitos aprendizes autodirigidos também gozam de um certo nível de privilégio: uma combinação de recursos financeiros, apoio familiar e validação cultural que os habilita a viajar o mundo, desenvolver um ofício,

contratar tutores, estagiar e fazer outros investimentos não convencionais valiosos em suas educações. Esse é o fator da *criação*.

A *sorte* (ou o acaso) também não deixa de ser um fator inegável no sucesso de qualquer trajetória autodirigida. No exato momento em que eu estava me sentindo esgotado nos estudos de astrofísica, por exemplo, um amigo apareceu empunhando um livro sobre educação alternativa. E se ele não tivesse aparecido naquela hora? Será que eu teria saído da faculdade para dar aulas de snowboarding (como cheguei a cogitar)? Será que eu teria trilhado um caminho diferente e que, no limite, me faria menos realizado do que a carreira que escolhi? O fator sorte existe e, por mais que nós certamente criemos boa parte da nossa sorte, o universo conspira bastante para criá-la por nós, também.

Contudo, para encontrar sua fagulha, é preciso prestar atenção ao quarto e mais importante fator: *modelo mental*.

Como descrito pela psicóloga de Stanford Carol Dweck, um modelo mental é uma crença a respeito da sua própria inteligência, talentos e personalidade. No sistema criado por Dweck há apenas dois modelos: o fixo e o de crescimento. Uma síntese de como ela os descreve pode ser vista a seguir.

“Pessoas com um modelo mental fixo acreditam que suas características são dadas. Elas possuem uma certa quantidade de inteligência e talentos e nada pode mudar isso... Sendo assim, essas pessoas preocupam-se muito com suas características e o quão apropriadas elas são. Elas sentem que precisam provar algo para os outros e para si mesmas.

Pessoas com um modelo mental de crescimento, por outro lado, enxergam suas qualidades como elementos que podem ser desenvolvidos por meio de sua dedicação e esforço. É claro que elas ficam felizes em saber que possuem certas inteligências ou talentos, mas isso é só o ponto de partida. Elas entendem que ninguém – nem Mozart, Darwin ou Michael Jordan – pode ter alcançado grandes feitos na vida sem ter se dedicado apaixonadamente por anos a determinada prática ou caminho de aprendizagem.”

Conforme documentado rigorosamente por Dweck, as diferenças entre pessoas que sustentam um modelo mental fixo e aquelas que acreditam em seu desenvolvimento são imensas. Indivíduos que detêm um modelo mental de crescimento apresentam melhor desempenho nos esportes, nos negócios, na vida familiar, nos estudos formais e na aprendizagem informal durante a vida.

Há ainda uma outra perspectiva interessante sobre os modelos mentais. Se você acredita que possui algum controle sobre seu aprendizado e suas conquistas, você

pelo menos tem uma chance de fazer uma transformação positiva em sua vida. Mas, se você acredita que seu desempenho é sempre limitado pela ausência de habilidades inatas, competências básicas ou recursos, então não há nenhuma possibilidade de você fazer o que é preciso para melhorar. “Aqueles que olham para as adversidades como evidências de que eles não possuem o talento necessário”, pontua o escritor Geoff Colvin, “vão desistir – o que é totalmente lógico, de acordo com o que acreditam”.

O que é mais entusiasmante a respeito do fator modelo mental é que, ao contrário dos outros fatores (natureza, criação e sorte), ele está amplamente sob nosso controle. É possível, assim como fazer uma limpa no guarda-roupa, substituir nossas crenças fixas por um modelo de crescimento. Tal mudança não costuma ser fácil – é comum ficarmos apegados às nossas antigas roupas, especialmente quando todos os nossos amigos também se vestem da mesma forma – , mas é uma possibilidade real.

Minha mudança começou no acampamento Deer Crossing, quando passei a monitorar atentamente meus monólogos internos (conforme descrevi no capítulo “Prisões e Chaves”). Ela prosseguiu em 2003, quando, no meu primeiro ano como instrutor, quase fui demitido por não querer trabalhar para terminar a leitura do livro *Cem Anos de Solidão*. Jim (o coordenador do acampamento) me deu um feedback muito direto, me dizendo que ou eu mudava

meus hábitos ou procurava outro trabalho. Escolhi a primeira opção.

Ter tido a oportunidade de desenvolver um modelo mental de crescimento ainda cedo me preparou para lidar de maneira construtiva com os fracassos da vida. Em 2008, por exemplo, fui candidato a uma vaga de líder de uma expedição de jovens adultos pela América Latina como parte de um programa de aprendizagem. Eu estava extremamente entusiasmado com essa oportunidade; me sentia preparado; tinha todas as credenciais necessárias; e fui muito bem nas entrevistas. No entanto, algumas semanas depois, recebi uma ligação do coordenador do programa dizendo que eu não tinha passado. Eram 150 pessoas disputando duas vagas, e eu simplesmente não fui selecionado.

Depois de alguns dias lastimando, percebi que eu poderia olhar para isso ou como uma condenação das minhas habilidades – o retorno típico do modelo mental fixo –, ou como um pretexto para aprender e tentar algo novo – uma resposta digna de um modelo mental de crescimento. Escolhi a segunda opção e enviei um e-mail para o coordenador perguntando se ele poderia me ajudar a iniciar minha própria empresa de viagens internacionais para jovens desescolarizados. E ele disse sim! Enviei outra mensagem para uma amiga perguntando se ela gostaria de me ajudar com a primeira viagem, e ela também respondeu positivamente. Pouco tempo depois, eu estava abrindo

minha primeira conta bancária como pessoa jurídica, e seis meses depois eu estava numa trilha na Argentina com nove adolescentes no primeiro programa da Unschool Adventures.

Acredito que é assim que conseguimos fazer nossa mente pegar fogo. Ao escolher olhar para os fracassos como oportunidades, enxergar os desafios como aventuras e ver a vida como um jogo infinito, nós acendemos nossa automotivação.

Não sei exatamente como Laura, Celina, Sean, Jonah, Carsie e outros aprendizes autodirigidos que aparecem neste livro desenvolveram modelos mentais de crescimento tão potentes, e talvez nem eles mesmos conseguissem responder a essa pergunta. Não é algo repentino como acender uma lâmpada; é um processo contínuo composto por várias pequenas decisões que, juntas, constroem um todo muito maior. Natureza, criação e sorte com certeza são relevantes, mas os aprendizes por sua própria conta também tiveram um papel incontestavelmente importante.

Aprendizes autodirigidos são seres humanos como quaisquer outros, com seus limites, suas falhas e deficiências – o que os diferencia é a sua escolha consciente por se enxergarem capazes de aprender, se desenvolver e mudar para melhor sempre.

Se você intencionalmente fizer a escolha pelo modelo mental de crescimento, tudo é possível. Se não fizer, as possibilidades são bem reduzidas. Comece hoje a fazer essa mudança e, não importa o seu ponto de partida, você embarcará na jornada para se tornar a pessoa que você quer ser.

Pare de focar nas partes incontroláveis da sua vida – natureza, criação e sorte – e comece a trabalhar duro para desenvolver um modelo mental de crescimento. Essa é a verdadeira arte da aprendizagem autodirigida.

Notas, complementos, segredos e agradecimentos

Abaixo você encontrará notas sobre as fontes que citei, sugestões de leituras futuras, muitos “obrigados” e alguns comentários que não couberam nos capítulos. Vale a pena dar uma olhada!

Introdução

O acampamento de verão que eu frequentava na infância era o Deer Crossing (www.deercrossingcamp.com), que, ao término da escrita deste livro, completou seu 32º ano de operação contínua.

O título do livro de John Taylor Gatto que me deixou em chamas é *A Different Kind of Teacher*.

O “Acampamento de Quem Não Volta à Escola” (*Not Back to School Camp*) também continua em funcionamento, e eu tenho trabalhado com eles todo ano desde 2006. O site deles é www.nbtsc.org.

Para saber mais sobre minha empresa, a Unschool Adventures, visite www.unschooladventures.com

A Menina que Navegou o Mundo

Laura Dekker gentilmente me deu permissão para compartilhar sua história, me enviando um e-mail diretamente da Nova Zelândia. Você pode saber mais sobre ela buscando o perfil que publicaram a seu respeito na revista *Outside*, assistindo à sua fala no TEDx ou pesquisando pelo documentário *Maidentrip*, que narra a viagem que ela fez pelo mundo.

O que Aprendizes Autodirigidos Fazem

Sabe aquela analogia do mapa e da bússola? Gosto bastante dela. Sempre que estou caminhando numa trilha, costumo agradecer pelo fato de alguém antes de mim ter se dado ao trabalho de abrir caminho em meio à floresta.

Sem isso, é provável que eu nunca começasse a apreciar esse tipo de atividade. Ainda assim, eu sei que as melhores experiências na natureza estão quase sempre fora dos caminhos preestabelecidos, e tudo que você precisa para encontrá-las é cultivar algumas atitudes básicas de navegação – tipo ter uma bússola, um norte. Aprender de forma autodirigida é se dispor a buscar as melhores experiências educacionais que, muitas vezes, só podem ser encontradas fora das rotas habituais.

E aí, mandei bem na analogia? Diz que sim, vai!

O que Aprendizes Autodirigidos Não Fazem

Eu e Nate Singer, um colega de Berkeley, criamos o curso Nunca Fui Ensinado a Aprender por meio do programa de Educação Democrática da Universidade da Califórnia (*De-Cal Program*). Acabamos tendo muito mais participantes do que o previsto inicialmente, mas tentamos não nos desesperar muito. Oferecer um curso para 70 colegas de faculdade aos 20 anos é um desafio bastante complicado. No semestre seguinte eu ofereci novamente o curso, mas dessa vez sozinho e com um grupo bem menor (Nate também foi quem me emprestou o primeiro livro de John Taylor Gatto que li na vida).

Se alguém um dia me presentear com uma touca igual à que perdi naquele dia, isso me faria tão, mas tão feliz!

Aprendizagem Consentida

Quantos anos você precisa ter para tomar uma decisão consciente a respeito da sua educação? É uma pergunta em aberto. Muito do que faço é direcionado para jovens e adultos, os quais acredito serem plenamente capazes (ou pelo menos potencialmente capazes) de decidir conscientemente. Para crianças menores, talvez isso não seja uma possibilidade, mas é sempre possível ir preparando o terreno.

Existem formas de se aprender e se desenvolver num

ambiente de aprendizagem não consentido? Sim, com certeza. Flores conseguem florescer mesmo nos lugares mais inóspitos. No entanto, não acho que essa seja uma boa desculpa para forçar alguém (ou você mesmo) a aderir a uma iniciativa educacional de longo prazo que lhe pareça eternamente sofrida e pouco produtiva.

A citação de Ana Martin, a mãe por trás da página *The Libertarian Homeschooler* no Facebook, foi utilizada com sua autorização.

Autonomia, Maestria e Propósito

A ideia por trás da ilustração é “carregue sua própria cenoura”. Em outras palavras: motive a si próprio. Shona, a ilustradora deste livro, apareceu com a ideia e eu adorei! (mesmo que o sistema de “porretes e cenouras” seja algo que busquemos evitar).

A família de Celina encontrou as 50 famílias que os hospedaram nos 17 países por meio da rede Servas (dê um Google). Escolas Waldorf receberam as aulas de dança que a família dava para se sustentar durante as viagens.

Veja as fotos da pequena casa que Celina construiu em seu blog: www.mytinyabode.blogspot.com. Celina me deu permissão para compartilhar sua história.

Autonomia, maestria e propósito são os pilares que

sustentam todas as manifestações da motivação intrínseca, conforme se vê no trabalho dos psicólogos Edward Deci e Richard Ryan. Para saber mais, recomendo fortemente os livros *Porque Fazemos o Que Fazemos*, de Deci, e *Drive*, de Daniel Pink, cuja obra foi meu primeiro contato com o tema. (Na linguagem criada por Deci e Ryan, os três ingredientes básicos são autonomia, maestria e afinidade. Pink relançou o terceiro elemento chamando-o de propósito em seu livro.)

Adoro o significado da palavra autotélico (uma pena que é uma palavra tão pouco difundida). Csikszentmihalyi é mais um autor pertencente ao campo da “psicologia positiva” – junto com Deci e Ryan, Martin Seligman, Abraham Maslow e muitos outros – que merece ser lido. O termo autotélico foi retirado de um dos livros de Csikszentmihalyi, *A Descoberta do Fluxo*, de 1997.

Disciplina, Dissecada

Neste capítulo eu combino os conselhos que encontrei no livro *The War of Art*, de Stephen Pressfield, e o ensaio transformador de Paul Graham intitulado *What You'll Wish You'd Known*. Leia gratuitamente todos os ensaios de Paul Graham neste link: www.paulgraham.com.

Prisões e Chaves

Este é o primeiro de muitos capítulos que só existem

devido à existência de Jim Wiltens e do acampamento Deer Crossing. Em nenhum outro lugar (e por meio de nenhuma outra pessoa) eu aprendi tanto sobre como aprender a aprender.

Se você for jovem e estiver planejando uma temporada no Deer Crossing, peço desculpas por ter arruinado a surpresa da caminhada na escuridão.

Sempre que alguém no acampamento dizia “eu não consigo”, havia na verdade três coisas que os instrutores sugeriam como substitutos:

- Diga “OGISNOC OÃN”, isto é, “não consigo” dito de trás para frente. Há toda uma história sobre o monstro OGISNOC – que eu não contarei – que faz parte da genialidade do acampamento.
- Diga “Eu escolho não fazer”, uma forma básica de reconhecer que você está se decidindo por algo.
- Diga “Eu poderia se...”.

Examinar suas conversações internas, identificar crenças irracionais e tentar substituí-las por outras mais racionais são os mesmos passos por trás da terapia cognitiva comportamental.

Não Vá com a Primeira Resposta Certa

Sean me autorizou a compartilhar sua história. Contudo, não pedi permissão a ele para fazer um desenho de seus

incríveis dreads. Espero que ele goste.

Tomei contato pela primeira vez com a ideia das múltiplas respostas certas por meio de Jim Wiltens.

Googlando Tudo

A citação de Austin Kleon foi retirada de seu maravilhoso livro *Roube Como Um Artista*, que foi uma grande inspiração para este livro e suas ilustrações.

Bryan (o cara que quebrou o tornozelo) me contou sua história com a condição de que eu dissesse que ele viajou sem aval médico e que ele não recomenda o mesmo procedimento para outras pessoas.

Talvez a habilidade mais importante na internet seja saber distinguir entre conteúdos falsos e reais online. Minha amiga e jornalista Michelle Nijhuis escreveu um artigo sensacional chamado *The Pocket Guide to Bullshit Prevention*: www.lastwordonnothing.com/2014/04/29/the-pocket-guide-to-bullshit-prevention.

Dê uma olhada no livro *Why School?: How Education Must Change When Learning and Information Are Everywhere*, de Will Richardson, para saber mais a respeito da integração entre tecnologia, educação e escolas.

Enviando E-mails para Estranhos

Jonah, que me deu permissão para compartilhar sua história, foi aluno da escola North Star, localizada em Hadley, Massachusetts, na época em que se encantou por química. Se você ainda não conhece a North Star, vale a pena dar uma olhada (www.northstarteens.org): trata-se de um modelo inovador para apoiar jovens autodirigidos que está se espalhando para outros lugares.

A inspiração para este capítulo veio do artigo de Mattan Griffel intitulado “Como fazer que uma pessoa ocupada responda seu e-mail”, disponível neste link: <https://byrslf.co/how-to-get-a-busy-person-to-respond-to-your-email-52e5d4d69671>.

Nossos Rastros Digitais

Cuidado: *Girl Walk // All Day* contém letras com conteúdo explícito! (Desculpe, provavelmente já é tarde demais...)

Tentei fazer contato com Anne Marsen a fim de pedir permissão para compartilhar sua história, mas não tive sucesso. Minha fonte principal foi um artigo do *New York Times* sobre ela e seu projeto disponível aqui: <http://www.nytimes.com/2011/03/06/magazine/06GirlWalk-t.html>.

Escrevi mais coisas a respeito da criação de conteúdos compartilháveis online (“entregáveis”) no meu segundo

livro, *Better Than College* (www.better-than-college.com).

Informação x Conhecimento

Minha editora disse que eu criei uma imagem muito negativa dos MOOCs nesse capítulo. Cheguei a concordar com a defesa dela a respeito da taxa de evasão dos cursos online: na internet, quando algo é gratuito, a taxa de abandono será naturalmente alta porque não há nenhum incentivo negativo. Mesmo assim, me mantenho firme em relação à minha perspectiva original sobre os MOOCs. Penso que eles são uma ótima ideia se o objetivo for escalar a escola a partir de uma visão de negócio, mas eles não inovam no que se refere à criação de alternativas ao modelo de aula.

A taxa de evasão de 95% dos MOOCs é apontada aqui: www.bloomberg.com/news/articles/2014-01-21/harvard-online-courses-dropped-by-95-of-registered-study-says.

Sozinho, Junto

A ideia para a imersão de escrita da Unschool Adventures surgiu quando conheci o National Novel-Writing Month (NaNoWriMo), um desafio de escrita de 50.000 palavras que ocorre geralmente em novembro. Criado em 1999 pela escritora freelancer Chris Baty, o NaNoWriMo estimula colegas escritores a desligarem seus editores internos e, no lugar disso, focarem na quantidade diária de palavras que

conseguem escrever. Tentei esse desafio duas vezes; falhei nas duas. Na primeira tentativa, consegui 11.000 palavras e, na segunda, aproximadamente 30.000. Para saber mais: www.nanowrimo.org.

Se você é um “eu-preendedor”, freelancer ou faz parte de uma equipe muito pequena, recomendo fortemente que você dê uma olhada nos espaços de coworking mais próximos. Esses locais oferecem uma atmosfera de escritório compartilhado em que você pode trabalhar sozinho, ao mesmo tempo em que está junto de várias outras pessoas com carreiras semelhantes à sua. (Eu mesmo escrevi vários trechos desse livro em um espaço de coworking que me fornecia pausas de conversas e pingue-pongue extremamente necessárias.)

O comentário de Michael F. Booth pode ser encontrado aqui: <https://news.ycombinator.com/item?id=2462777>.

Tribos Nerds

A inspiração para escrever esse capítulo veio de mais um ensaio de Paul Graham, intitulado *Why Nerds are Unpopular*. Morar e trabalhar em casas compartilhadas foi a parte mais importante da minha experiência de faculdade. Se você tiver a chance de morar com pessoas nesses termos, eu recomendo muito. Pesquise online por “co-housing [sua região]” para encontrar espaços criados

por pessoas simplesmente apaixonadas pela ideia de morar e cooperar com outras pessoas.

Aprendendo a Aprender

Aqui vão algumas fontes de inspiração para as atividades que utilizei na imersão de liderança:

- Fim de Semana Empreendedor: Tina Seelig, da D.School de Stanford.
- Fim de Semana do Clipe: veja o projeto de Kyle MacDonald chamado *One Red Paperclip* no link <http://youtu.be/BE8b02EdZvw>.
- Fim de Semana de Rua: me inspirei na “viagem de ascensão” do acampamento Deer Crossing.

A fonte da citação de Seth Godin que utilizei é a que segue: http://sethgodin.typepad.com/seths_blog/2013/09/the-truth-about-the-war-for-talent.html.

A frase “pessoas são contratadas por suas habilidades profissionais e demitidas por suas características pessoais” foi dita por Pieter Spinder, da Knowmads, uma escola de negócios em Amsterdã.

A Aula de Dança

Grace Llewellyn (autora do *Teenage Liberation Handbook* e fundadora e coordenadora do Acampamento de Quem Não Volta à Escola) foi quem me conectou primeiramente com

Alicia Pons. Obrigado, Grace.

Tentei recordar as falas de Alicia de cabeça, o que significa que elas não são citações diretas. Contudo, talvez minha memória seja um pouco imprecisa...

Sensualidade Indescritível

Fiz uma adaptação desse workshop a partir do trabalho de Jim Wiltens, que ensina essas técnicas como parte da formação de instrutores do acampamento Deer Crossing. Alterei sutilmente as palavras e acrônimos originais: a terminologia que Jim usava era composta pelas siglas POGSS (Postura, Olhos, Gestos, Sons e Sorriso) e EAPE (Escuta Reflexiva, Afirmações do Eu, Perguntas Abertas e Experiências).

E, sim, eu realmente adoro vídeos online de gatos.

Prática Deliberada

Mais informações sobre a pesquisa de Ericsson você encontra facilmente online; minha fonte principal foi o excelente livro *Desafiando o Talento*, de Geoff Colvin.

A recomendação de Daniel Coyle foi retirada de seu ótimo guia para colocar a prática deliberada em ação: *The Little Book of Talent*.

Limpendo Cocô para Chegar Lá

Vou compartilhar um segredo meu com você: estou trabalhando duro para começar meu próprio acampamento / não escola / programa de aprendizagem *neste momento*. Estou superempolgado com isso. Espero que, na hora em que você estiver lendo estas linhas, eu já tenha mais detalhes a respeito para compartilhar. Fique ligado no meu blog (<http://blakeboles.com>), ou então você também pode me *stalkear* no Facebook (www.facebook.com/blakeboles).

Paixão, Habilidade, Mercado

Carsie Blanton me deu permissão para compartilhar sua história enquanto ainda se preparava para a turnê pelos Estados Unidos de seu disco financiado coletivamente. Se você tiver a oportunidade de vê-la no palco, faça a si mesmo esse favor: www.carsieblanton.com.

Para saber mais sobre os conselhos de carreira de Tina Seelig, dê um Google no vídeo que ela gravou para o Stanford eCorner sobre “interesses, habilidades e mercado” ou leia o livro que ela publicou, *Se Eu Soubesse Aos 20... – Lições Para Ser Bem-Sucedido Em Qualquer Idade*.

A abordagem da paixão, habilidade e mercado não é a mesma coisa que ganhar dinheiro com um trabalho convencional (pelo qual você não é apaixonado) e desenvolver hobbies no seu tempo livre. É possível fazer

isso e, ao mesmo tempo, ser um aprendiz autodirigido? Desde que você esteja consciente de sua escolha e preste bastante atenção nos seus níveis de sanidade, então, sim, acredito nessa possibilidade. (Particularmente, prefiro o risco de ficar pobre na busca pelo ponto de interseção entre paixão, habilidade e mercado).

Riqueza de Tempo

Dev Carey, que trabalha comigo na Unschool Adventures e recentemente lançou seu próprio programa de aprendizagem (veja mais em www.hdcss.org), autorizou a publicação da sua história.

Dicas de Carreira de um Robô Dinossauro

Veja mais sobre Fake Grimlock nos endereços <https://twitter.com/FAKEGRIMLOCK> e <http://fakegrimlock.com>.

A entrevista que o criador do personagem concedeu pode ser encontrada aqui: <http://thenextweb.com/insider/2012/03/31/breakfast-of-champions-meet-the-man-known-as-fakegrimlock>.

O post que fala sobre personalidade intitulado “Minimum Viable Personality” pode ser lido neste link: <http://avc.com/2011/09/minimum-viable-personality>.

Como Fazer sua Mente Pegar Fogo

Leia mais sobre a teoria de Carol Dweck em seu livro *Mindset*, ou online em seu site www.mindsetonline.com (de onde as citações que utilizei foram retiradas).

A citação de Geoff Colvin foi retirada de seu livro *Desafiando o Talento*.

Agradecimentos finais

Este livro não teria sido possível sem o apoio generoso dos meus 264 apoiadores no Kickstarter (www.kickstarter.com/projects/blakeboles/the-art-of-self-directed-learning), dos membros do meu time de super-heróis da escrita, dos aprendizes autodirigidos que compartilharam suas histórias comigo e de Franki Wangen. Obrigado a todos.

Muitas pessoas importantes ajudaram a transformar meu manuscrito num produto final bem-acabado e publicado de maneira independente. Lori Mortimer, minha editora, escavou meu manuscrito profundamente e depois me ajudou a colocá-lo de pé novamente; Shona Warwick-Smith, a ilustradora deste livro, captou minha mensagem e, de forma autônoma, elaborou muitas das ilustrações; Ashley Halsey combinou palavras e imagens num lindo PDF; e Dawn Forbes revisou o texto como ninguém.

Sobre o autor

Blake Boles constrói instigantes alternativas à escola tradicional para jovens autodirigidos. É diretor da Unschool Adventures e autor dos livros *Better Than College* e *College Without High School*. Blake e seu trabalho já foram veiculados no TEDx, *The Huffington Post*, *USA Today*, *The New York Times*, *BBC Travel*, *Fox Business*, *Ignite*, *NPR Affiliate Radio*, além de blogs do *The Wall Street Journal* e do site *Wired.com*

Para ficar por dentro dos projetos e escritos de Blake, inscreva-se na lista de e-mails do autor:

<http://blakeboles.com/list>.

Para contatá-lo diretamente, envie um e-mail para yourstruly@blakeboles.com.

Apoiadores do livro no Kickstarter:

Aaron Ralph Thomas

Abe Cajudo

AERO

Aimee Akers Fairman

Alain Culos

Alan Webb

Aleesha Haigwood

Alex Oliver

Alex Peace

Alfredo Delgado Moreno

Alice Marcarelli

Alison Snieckus

Allen Ellis

Amanda Elliott

Amy Amy Childs

Amy Silver O'Leary

Andrew Donaldson

Angela McGill

Anita Ostenfeld

Anne Elizabeth Ohman

Anthony Mullins

Ariadna Solovyova

Ashley Cooper

Azul Terronez

Barb Lundgren

Barbara Haigwood

Beth Cannon

Blueberryface

Brenna Peak

Bugfree

Caitlin Lindsey

Caleb Muller

Candace Burckhardt

Candace Plevyak

Caralea Arnold	Damon Roskilly
Carl H. Blomqvist	Dave Mason
Carlos Miceli	David Marshall
Carolyn Elli	David Redlin
Carrie	Dean Lapham
Carsie Blanton	Deanna Butler
Catalina	Deb Kauffman
Celina Dill	Debbie Siegel
Charles Gushue	Deena Michelle Holt
Charles Tsai	Diane
Chelsea Guy	Donna Edwards Weber
Cheri Torres	Donutchan
Cheryl OC	Dóra Révész
Chris	Dr. Jobo
Chris Blank	Dreama Hope
Christina Kordiolis	Dulcita Love
Christine Tachner	Eevee L.
Claire Larsen	Elisabeth Berning
Colby Jon Hart	Elizabeth Feathers
Courtney	Elleke Bal
Damian Gordon	Ellen Behm

Emeric Laverne	Jaaycob Okumura
Emma Medina-Castrejon	Jaiela London
Emma Rouleau	Jake
Emmanuel	Jasmine Pettet
Eugene Marcelle	Jay Silver
Finbarr Farragher	Jean W
Frank Tyndell	Jeff Roth
Fred Peñaloza	Jen Lynch
Frederic Sabater	Jennifer Beck
Gamedepository	Jennifer Constable
George Komoto	Jennifer Labreche
Glenn Franxman	Jennifer Pryor
Grace Llewellyn	Jeremy Stuart
Greg Keller	Jesper Jurcenoks
Heather Kennedy	Jessica Brodnik
Heidi Hankley	Jill T
Helen Keller	Jimmy "Jr" Ray Tyner III
Herbert L Lapham Jr	Jo
Hugh Reynolds	Joanne Tupas-Parsons
Isabel Masteika	Joe
Izzy Duich	Joe Famularo

Johannes Hoffenreich
Jordan Crabtree
Jose Soriano
Josh Mann
Joshua Murphy
Josine Verhoeven
Julia S
Julie
Julie McPherson
Justin Benko
Justin E Harris
Karen Bartlett
Karen Roddy
Karen Young
Karl Jahn
Karl Wong
Kassondra White
Kate Holmden
Kate Holzman
Katharina
Katherine Robertus

Kathleen Crespin
Kathryn Jackson
Kathy Keller
Kathy Thompson
Kathyann Natkie
Kay Broadbent
Keith Pinstter
Keris Stainton
Kerri Hamilton
Kimberly Plouffe
Kristy Dorsett
Laura
Laurie Everitt
Leah Anita Rachelle Miller
Leah Atlee
Lenka Randusova
Leslie Nack
Lisa Loud
Lisa Rouleau
Lydia Trottmann
Lynn Ekstedt

Maggie Levin	Mike Eidlin
Magnus Macdonald	Mikehedge
Manuel Alba	Monica Uhl
Marcela Fernandez	Morgan Ostrowsky
Marcia Miller	Nathaniel Singer
Maren Larsen Macmichael	Nic Vok
Margie Lundy	Nicole Maki
Marie Goodwin	Nicolette
Martha Treder	Nora Benson
Martin Ebner	Once Tamed Productions
Martine Cleary	Paige
Mary Regatuso	Pam Tellew
Mary Taylor	Patty Lemson
Maryam Quadir Matt	Paul Kurucz
Matt Jones	Peter Kowalke
Matt Rosario	Peter Marc
Mehar Sethi	93
Melanie E. Hughes	Pond Family
Michael Walshe	Ray Kung
Michele W.	Rebecca Smith
Miguel Marcos	Rg Ni

Richard Vader	Smylie
Ricky Curioso	Sofea
Robin Dechent	Sophie Haworth
Robyn Coburn	Stem Nation
Robyn Lapham	Stephanie & Jeff Day
Westerkamp	Ursino
Roger	Steve
Rosetta Starshine	Sue Johnson
Rosie Sherry	Susanna Gandolf Attina
Rowan Hartin	Swisars
Saani Bennetts	Swordfire
Sam Clitheroe	Tammy Nguyen
Sandra	Tana Switsky
Sara McGrath	Tanya Murphy
Sara Wright Harding	Tara Oster
Scott Nelson	The Vasquez Family
Sean Motyl	Thetrifi
Sean Ritchey	Tiberiu Comsa
Shannon King	Tiffany Cooper
Sharon Freeman	Tiffany Marcheterre
Siddharth Pulpa	Tim Griffin

Timm Watrous

Tom Buescher

Tommy Parker

Travis Cox

Truls Bjørvik

Tyagar

Valerie

Victoria Crane

Victoria Winning

Vince Harrington IV

Viraf Zack

Walter Dill

Como Fazer sua Mente Pegar Fogo

Dicas de Carreira de um Robô Dinossauro

Informação x Conhecimento
Aprendendo a Aprender

Não Vá com a Primeira Resposta Certa

Sensualidade Indescritível

Prisões e Chaves

Tribos Nerds

Googlando Tudo
A Aula de Dança



Riqueza de Tempo

Enviando E-mails para Estranhos

Autonomia, Maestria e Propósito

Limpando Cocô para Chegar Lá